

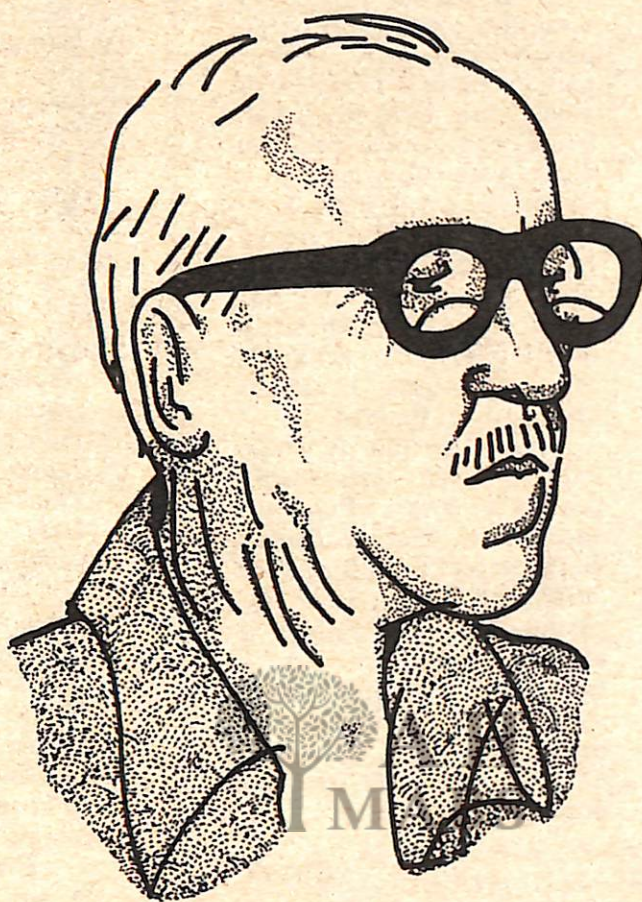
JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, 22 A 28 DE NOVEMBRO DE 1976

ANO II

N.º 74

Cr\$ 2,00



FÁVARO: "O SEGREDO É A ALMA DO NEGÓCIO"

O novo prefeito fala da sua campanha e (vagamente) do futuro governo (página 16). Os novos vereadores estão nas páginas 8 e 9. E na página 2, F. A. Oliva comenta as eleições, enquanto Torricelli despede-se.

O JUÍZO FINAL

Nos seus folhetos multicoloridos, o prefeito Ibis Cruz dizia que o povo seria o juiz do seu governo. No último dia 15 houve o julgamento: Ibis foi condenado. Vinte e um mil eleitores votaram a favor da atual administração; cinquenta e cinco mil repudiaram o governo Ibis Cruz. Este último número representa a soma dos votos recebidos pelos demais candidatos, pois a tônica dominante na campanha de todos eles foi a condenação dos atos do atual prefeito. As inúmeras críticas, denúncias e acusações que o *Jornal de Segunda* vem fazendo ao governo Ibis Cruz foram por eles mil vezes repetidas na sua pregação pre-eleitoral.

A votação recebida pelo candidato do prefeito é tanto menos expressiva quando se considera:

- a propaganda insistente e demagógica que Ibis Cruz sempre fez de seu governo;
- a campanha milionária do candidato do prefeito;
- a multidão de "chupetas" e apadrinhados da atual administração, que lutaram desesperadamente pela vitória nas urnas, para dar continuidade ao atual estado de coisas, que tanto lhes convém;

- a farta distribuição de benesses e de favores promovida pelo prefeito Ibis Cruz às vésperas da eleição, sempre às custas do sofrido erário municipal;

- o apoio dos basbaques deslumbrados com as grandes avenidas construídas pelo prefeito, mas inteiramente despreocupados com a forma escandalosa como elas vêm sendo feitas.

A demonstração de poder econômico do grupo interessado na vitória do candidato do prefeito foi de estarrecer, no dia das eleições. Eram centenas de veículos circulando pela cidade, transportando os eleitores; era um exército de cabos eleitorais pressionando os votantes até na boca das urnas, tudo isso num acintoso desrespeito à lei eleitoral. Aliás, o mesmo se pode dizer também de outro candidato da Arena, por sinal presidente do partido aqui de Jundiá.

Tal demonstração de força bruta acabou tendo resultados negativos para os que a promoveram. Configurou-se como uma antipática agressão à lei e ao eleitor. Nós aqui do *Jornal de Segunda*, dispúnhamos de prévias eleitorais e podemos verificar que muitos eleitores indecisos e muitos

outros que votariam nos candidatos o MDB, partido minoritário, reagiram a todo aquele aparato bandeando à última hora para o candidato Pedro Fávoro, para melhor garantir a derrota do prefeito prepotente e abusado.

O resultado final - Pedro Fávoro para substituir Ibis Cruz - foi bem de acordo com o espírito conservador da população jundiáense. O novo prefeito eleito é a antítese do atual; sério, modesto, equilibrado, trabalhador. Tem condições para enfrentar a enorme tarefa de corrigir a desordem e o caos aqui, implantados. Terá que recuperar a nossa economia e reorganizar a estrutura administrativa da prefeitura, arruinada com a passagem arrasadora deste governo funesto.

Mas a eleição de Pedro Fávoro, como uma reação popular ao governo Ibis Cruz, encerra uma incrível contradição. Representa, afinal, uma vitória da Arena. E a esse partido pertence também o atual prefeito. Foi sob a bandeira e a proteção dessa agremiação política que se praticaram todos os abusos e desmandos sofridos por nossa pobre Jundiá.

F.A.O

Não precisa analisar

Estamos encerrando aqui nossa atuação no jornalismo.

Sempre tivemos a mais absoluta noção de que, por várias razões, não é nossa vocação nem especialidade.

Escrevemos sim para as 74 edições deste jornal sobre política. Quando fizemos críticas foi à administração municipal e sempre respeitamos a figura humana, nas vidas particulares daqueles que, no nosso entendimento, não agiam de acordo com o figurino exigido para os homens que têm a responsabilidade de tomar conta da coisa pública.

Aceitamos as observações dos amigos que nos diziam sermos por demais contundentes.

Confessamos que não sabemos utilizar outros métodos como aquele de agradar e meter o pau no mesmo tempo. Agimos dispostos a alcançar um objetivo.

Nessa meta estava nitidamente expresso que havia necessidade de colocar um basta no sistema administrativo inaugurado em Jundiá e impingido ao seu povo que ficou sem voz para reagir.

Somado nosso esforço ao de não muitos e especialmente compreendida a nossa mensagem e a dos homens que disputaram cargos nesta eleição, o eleitorado jundiáense deu uma demonstração cabal, por inteiro, indiscutível e soberana de que é consciente e de que estava preparado politicamente para defender a sua cidade.

A resposta do povo, o julgamento do povo, tão significativo para nós, representa algo de muito mais importante do que se imagina. Re-

presenta a certeza de que a democracia ainda é o regime ideal porque nela o povo fala. Aqui em Jundiá falou bem alto, falou na base de 74 % contra a atual administração. Somados os votos dos cinco candidatos que claramente demonstraram ao seu eleitorado não pactuar com o atual e extraíndo-se o poder da máquina administrativa, a coação aos funcionários e especialmente aos humildes e a força do poder econômico, vejamos os senhores jundiáenses como o povo julgou. Não precisa analisar, a voz do povo é a voz de Deus.

Nada mais nos resta senão a certeza de que não nos omitimos, como político e como cidadão, cumprimos um dever.

Aos políticos que não cumpriram o seu e se esconderam pelos desvãos das esquinas com medo de sombra, não vamos nem criticar porque cada um enfrenta a vida de acordo com os seus valores intrínsecos à própria condição humana. Ninguém dá o que não tem.

Aos que não venceram e foram dignos em suas campanhas cabe aqui o abraço que se dá ao lutador honesto.

Aos que venceram ficam nossas últimas palavras de incentivo, para uma luta que será árdua, desejando que cuidem do nosso município, com amor e patriotismo e sobretudo como se cuida de um filho carente e desnutrido, embora com cara de saúde, mas evidentemente necessitado de redobrado esforço, augurando-lhes que no seu trabalho recebam o apoio e a compreensão do povo jundiáense.

Viva Jundiá!

Virgílio Torricelli



Canto Chorado

"DE PROFUNDIS"

Cá nós somos de novo, prezadíssimo leitor, depois de curtido o cansaço da refrega.

Juntos, de mãos dadas com Rubens, com Abdoral e com Cid, estivemos na rua comemorando a vitória de Fávoro. A vitória do povo. A vitória deste jornal. A vitória da cidade.

Cessou a ventania. Aquela mesma tempestade que há quatro anos levantou os detritos da sarjeta, incumbiu-se de devolvê-los à enxurrada. Como já disse o Conselheiro Acácio, não há bem que sempre dure nem há mal que não se acabe.

Pois é. Lembrando um outro adágio, tudo o que faz rir faz chorar. Isso se viu nas crispções faciais dos "chupetas" quando perceberam que os votantes disseram não ao "Vamos Continuar".

"Vamos Parar", eis o novo lema.

Todos, a "unna vocce", querem parar. Parar de gastar dinheiro em dobro com obras públicas. Parar de executar serviços caros sem concorrência ajuizada por gente da terra. Parar com promoção pessoal através dos jornais. Parar com regabofes eleicoeiros pelos restaurantes. Parar com o filhotismo. Parar com ações populares e mandados de segurança contra as incontínuas governamentais.

Ninguém mais quer ouvir baboseiras nem invencionices tais como "o fim da falta d'água", "progresso de minuto a minuto", "a cidade está se transformando num Presépio de Natal", "nunca em Jundiá pagou para ver o que está vendo", "um serviço de primeira água", "fabricamos saúde", e outras tantas bugias que seria um nunca acabar se as quizéssemos enumerar.

E agora? Como é que vai ser? Quem consola os "chupetas" neste transe de amargor? Que fazer com eles? As tetas da velha Petronilha, exauridas como estão, não vão continuar a amamentá-los. E, se desmandos num repente, podem até sucumbir por inanição, ou, quando menos, estranhar a má qualidade do cardápio, isto é, do leite que passou do tipo A para o C.

Que fazer, porém? As transformações exigidas pelo votantes não podem ser paliativas. Devem e têm que ser radicais. E no roldão desse radicalismo, evidentemente, serão despendidas as quimeras do "Vamos Continuar".

O foguetório que estrugiu na rua foi uma demonstração altiloquente de que nova ordem deve suceder a apodrecida curriola dos alienígenas e oportunistas que se locupletaram no trancorrer deste quadriênio.

Será por isso que já se ouve das profundezas escuras de um passado sinistro, o piado do mocho, o canto agreste do "de profundis".

Vamos parar... p'ra continuar de novo.

Já não sei se estes versinhos
São p'ra rir, se p'ra chorar.
O que se é que os "chupetas"
Já começam debandar
Deixando o Reis na berlinda
E o Paoletti a meditar:
Se o Pereira como disse
Vai ter mesmo que mudar.

Simão

JORNAL DE 2ª

Propriedade da Editora Japi Ltda.

Rua Senador Fonseca, 1044 -

Redator Chefe: Carlos Veiga

Ilustração: Décio Denardi

Diagramação: Carlos Kazuo Inoue

Impressão: Departamento de Off-Set do.

"Diário do Povo" - Campinas

O HUMOR DO BARÃO DE ITARARÉ

Ele se recusava a dizer sua idade — “não conto os anos, desconto” — mas sabe-se que morreu com 76 anos, no dia 27 de novembro de 1971. Dez anos antes de sua morte, Aparício Brigueiroff Torelly já tinha encerrado sua carreira literária, fechando um período do humorismo brasileiro, estabelecendo um hiato que só seria retomado anos depois.

Era conhecido como Barão de Itararé, título que deu a ele próprio:

— Se eu fosse esperar que me reconhecessem o mérito, estrepava-me. Concedi a mim mesmo a carta de nobreza.

Começou sua carreira jornalística aos 30 anos — em 1925, quando se mudou do Rio Grande do Sul para o Rio de Janeiro. Em Porto Alegre, de 1912 a 1917, estudou medicina. Aliás, já naquela época mostrava suas tendências para o humorismo. Um dia, seu professor lhe perguntou:

— Quantos rins nós temos?

— Quatro — respondeu Torelly. O professor não entendeu e ele explicou melhor

“dois do senhor e dois meus”.

Humberto de Campos conta numa crônica que a vocação literária do Barão de Itararé foi decidida numa aula de francês. O professor, um padre, citava a conhecida frase de Jesus a Pedro: “Tu es Pierre et sur cette pierre je batirai mon église”. O rapazinho Torelly analisou a frase e concluiu:

— Vou seguir os passos do Nazareno, vou ser trocadilhista.

O humor de Torelly — ou Aporelly, como ele também assinava — era complexo. Frases hoje famosas, trocadilhos engraçados mas principalmente significativos, certas fotomontagens e mesmo algumas anedotas enganavam à primeira vista, apresentavam apenas habilidade profissional e jogo de palavras.

É bem conhecida a sua revisão radical dos sonhos de Freud. O médico vienense estudou os sonhos, dissecou os pesadelos e chegou a conclusões escabrosas sobre a origem sexual dos sonhos. O barão não concordava com isso. Pensava, ao contrário, que “os sonhos são uma deliciosa realidade”.

— Mas é preciso que eles sejam feitos com boa farinha e ovos escolhidos.

No Rio, Torelly começou no jornal *O Globo*. Depois passou para “A Manhã”. Nesse jornal, sua coluna chamava-se “Amanhã tem mais”, e foi nela que uma vez publicou sua “carteira de identidade”:

“Idade: trinta anos. Não tenho maior idade. Estado: maior. Altura: 1,68. Altura média: Média Simples: sem pão, sem manteiga. Crânio: ucraniano; nariz: para fora; boca: para dentro; dentadura: própria; barba: cerrada e raspada; sinais particulares: solteiro de nascença, sífilítico. Minha folha na polícia está limpa. Minha roupa branca também.

Em 1926, o Barão fundou seu próprio jornal, “A Manhã” (sem o til), que circulou com muitas interrogações, uma delas motivada pela prisão do barão, em 1936, durante o Estado Novo. Companheiro de Graciliano Ramos no presídio da rua Frei Caneca, no Rio, foi lá que ele criou a figura do Barão de Itararé.

UFA!

Frases que ficaram famosas

Muitas frases do Barão de Itararé ficaram famosas. Uma delas é a que ele usava sempre que pressentia uma crise política: “Há alguma coisa no ar além dos aviões de carreira”.

Outros exemplos:

— Negociata é um bom negócio para o qual não fomos convidados.

— É melhor dois marimboídos voando que um na mão.

— Quando pobre come frango, um dos dois está doente.

— O boi que vai para o açougue é boi...cotado.

— O cão é o amigo mais fiel do homem, depois da pulga e do percevejo.

— O urubu é uma galinha verde de luto fechado.

— A verdade sobre nada sobre tudo.

— O ovo de Colombo ficou de pé porque era de pata.

— Este mundo é redondo, mas está ficando muito chato.

— Pelo canto do galo a raposa acha o poleiro.

— O bigode é a sobrelha dos lábios.

— Em tempo de guerra, mentira come terra.

— O avestruz é a girafa dos pas-sarinhos.

— Mulher, cachaça e bolacha, em toda parte se acha.

— Tempo é dinheiro. Paguemos, portanto, as nossas dívidas com o tempo.

— Um padecimento pesa mais que uma pá de cimento,

— Quem confere o ferro será conferido.

— Piano, piano, se carregam dois pianos.

— Salário mínimo é aquele que o assalariado deseja que seja o máximo.

— Como ia dizendo, meus senhores, o banco é uma instituição que empresta dinheiro à gente, se a gente apresentar provas suficientes de que não precisa de dinheiro.

— A vida não é um buraco, como vulgarmente se diz. Se procurarmos definir a vida e se conseguirmos arranjar uma boa definição para o buraco, veremos que a vida é justamente o contrário de buraco. Segundo a opinião dos maiores cavadores, o buraco é uma coisa que ficará tanto maior quanto mais dela se tirar. A vida, porém, é uma coisa que, quanto mais cresce, tanto mais curta fica.

— Quando o queijo e a goiabada se encontram na mesa do pobre, devemos suspeitar dos três: do queijo, da goiabada e do pobre.

— As raposas têm fama de ladinas. Mas as mulheres elegantes devem ter muito mais, para conseguirem se exibir com as peles das raposas.

— Cão que ladra não morde. Mas não convém facilitar, porque deve haver por aí muito cão analfabeto que não conhece este provérbio.

— Dois sujeitos, completamente bêbados, iam de automóvel por uma estrada, numa corrida louca. “Olha, disse um deles, enrolando as palavras, “cuidado que vem aí uma ponte”. “Cuidado como? — disse o outro, espantadíssimo — “Não é você que está guiando?”

Erazé Martinho



O LEITOR PUFA

Rota: famoso navegador português que descobriu o solo.

Carenagem: é o resultado do cruzamento da cara com a coragem.

Carótida: era um rico veio de cobre encontrado em Curaçau.

Mordomias: eram casais de gatinhos siameses que chegaram ao Brasil em 1918.

Elebiscito: eram jovens ingleses que pediam esmolas nas portas das igrejas.

Eloquência: notável escritora russa que foi deportada para a Sibéria.

Perímetro: foi o inventor da Reforma-Agrária.

Bastilha: foi o inventor da pílula anti-concepcional.

Caminhão: era por onde seguiam os bandeirantes em suas excursões pelo interior.

Guilhotina: famoso vinho

francês que ressecava a garganta.

Penitenciárias: eram mulheres portuguesas que faziam voto de castidade.

Espadachim: era um nobre italiano que sofria de resfriado crônico.

Picardia: antiga deusa Inca que adorava o açúcar.

Marco Polo: famoso agriensor turco que demarcou a Antártida.

Polichinelo: sapateiro italiano que inventou a chuleira.

Dakar: conhecida cidade da África onde só é permitido o uso da carroça.

Carbono: famoso cavalo de corrida que nunca tirou um 1.º prêmio.

Paranóica: Rainha grega que andava no mundo da lua.

José Heráclito Ramos Leite

ECOS DO CONCURSO

Apresento, primeira mente, o meu imenso agradecimento pela atenção com que recebeis esta despretenhosa missiva.

Outrossim, ressalto que acolhi entre entusiasmado e interessado, em periódico jossense, notícia indicativa ao Concurso de Contos idealizado por esta ciclópica organização.

Ademais, é do meu interesse inteirar-me acerca desta promoção e acordo viabilidade, participar ativamente da já referida.

Por outro lado, agradecerá a V.Sa., a pronta remessa de informes mais pormenorizados e prospectos contendo regulamentação normativas do Concurso. Germano Carretoni (São José dos Campos).

Mui penhorado me sen-

tiria se pudessem me enviar o regulamento do Concurso de Contos, instituído por esse acatado jornal. Francisco Gazzane (São Lourenço - M. G.)

Lendo em São Paulo, o Jornal da Tarde, fiquei sabendo da existência de um concurso de contos em seu jornal. Como escrevo, gostaria de obter informações a respeito, isto é, gostaria que me enviassem os requisitos básicos para poder participar de tal concurso.

Tarcísio G. de Faria (São Paulo)

Calma, minha gente, nós já providenciamos. E por falar no concurso, os jundiaenses podem (e devem) participar.

LEITOR ATENTO

Tenho lido num dos diários locais os artigos de um tal de Odon Pereira, sempre falando de assuntos ligados à administração pública, sempre a favor do que se faz em Jundiaí. Pergunto: esse tal de Odon Pereira é, por acaso, parente do prefeito Ibis Pereira? Getúlio Delfin

Sr. Getúlio: ao que parece, não são parentes. O sr. Odon é apenas apaniguado.

ELOGIOS AOS DOCES POLÍTICOS

"Gostei da reportagem intitulada "Os Doces Políticos". Tem muito menino por aí com idéias melhores do que as de muitos marmanjos que eu conheço. Politicamente falando, é lógico. Celso Trigueiro Fontana.

"Quando li, na primeira página da edição número 73, o título "A cidade tem um novo governo. Este é o senhor prefeito", confesso que fiquei intrigada. Desfeito o mistério ao ler as páginas 8 e 9, dei muitas risadas, mas fiquei séria ao ler as palavras do menino Virgínio Norberto Paixão, 14 anos: "Quando uma pessoa for presa, deve ter alguém que converse e possa saber a causa. Se for por necessidade, eu tentarei ajudar. Então vão diminuir os roubos e os assassinatos". Outros meninos focalizados na reportagem também apresentaram boas idéias. Reportagem muito boa. Zilda F. Vieira.

Parabéns pela reportagem "Os Doces Políticos", Foi a melhor coisa que eu já li nesse jornal". Horácio Lima

ASSINE O JORNAL DE 2ª

Basta preencher os dados abaixo e enviar para a Rua Senador Fonseca, 1044 - Jundiaí

Nome:

Endereço:

Cidade: Estado:

☐ Anual.....Cr\$ 120,00

☐ Semestral.....Cr\$ 70,00

Anexe um cheque nominal a favor da Editora Japi Ltda.



A ASTRA existe para que não existam banheiros mal decorados.

AS TAMPAS PLÁSTICAS, ARMÁRIOS DE PENDURAR
E ARMÁRIOS DE EMBUTIR QUE A ASTRA FABRICA, DECORAM
DISCRETAMENTE O SEU BANHEIRO



Rua Colégio Florence, 59 Tels. 6-4650 e 4-1459

SUPERMERCADO

ELIAS

ONDE VOCÊ FAZ
MAIS ECONOMIA



R. BOM JESUS DE PIAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PRÓPRIO

XEROX
também
é com o
FOTO
ZEZINHO
RUA D. 523 FONE 6-3795

NOVIDADES
Charme
CALÇADO:
ROSA RIO 626

JUNDIAÍ CLÍNICAS



Locais de atendimento
UNIDADE CENTRO

Rua Siqueira de Moraes, 242
Fones: 4-1067 e 4-1777

UNIDADE VILA ARENS

Rua Frei Caneca, 162
Fones: 6-3260 e 6-8248

UNIDADE PRUDENTE

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

UNIDADE DE ABREUGRAFIA

Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6-6964

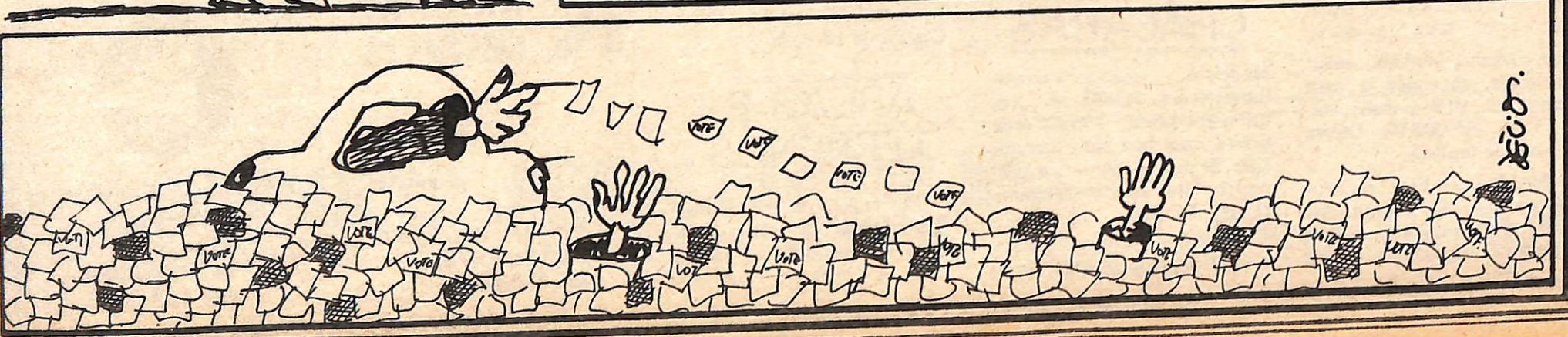
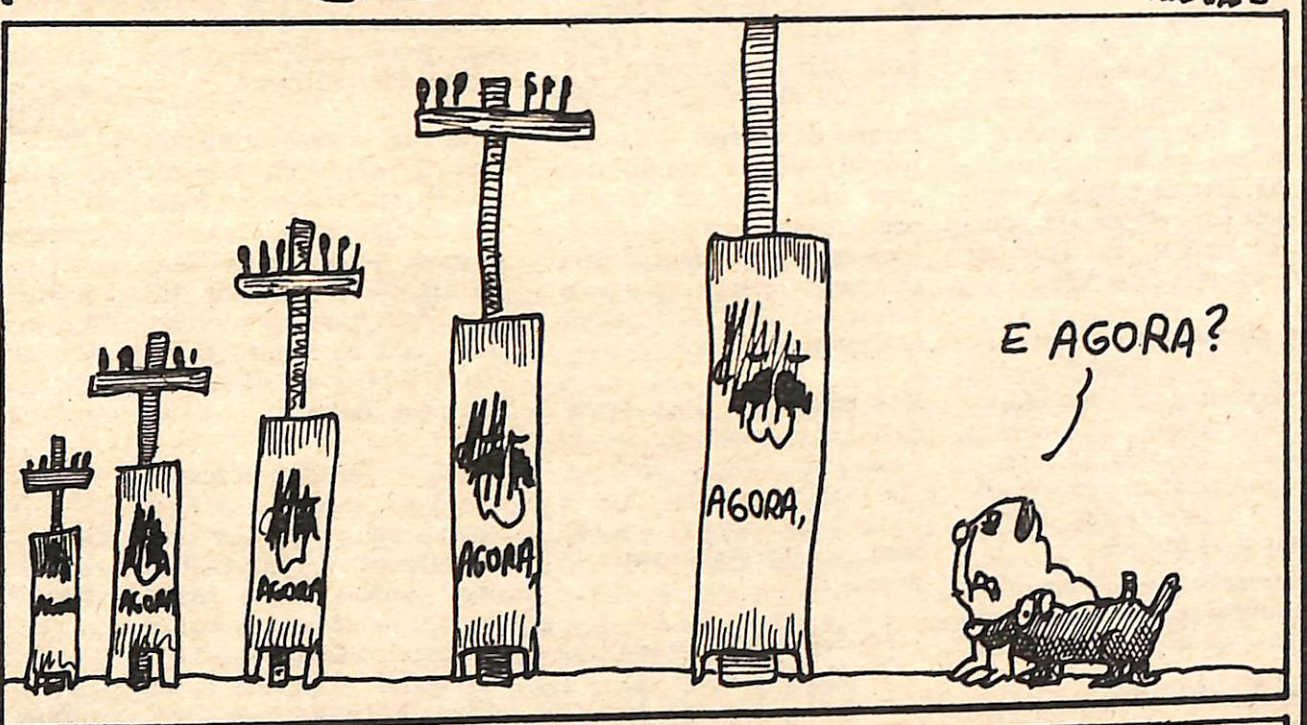
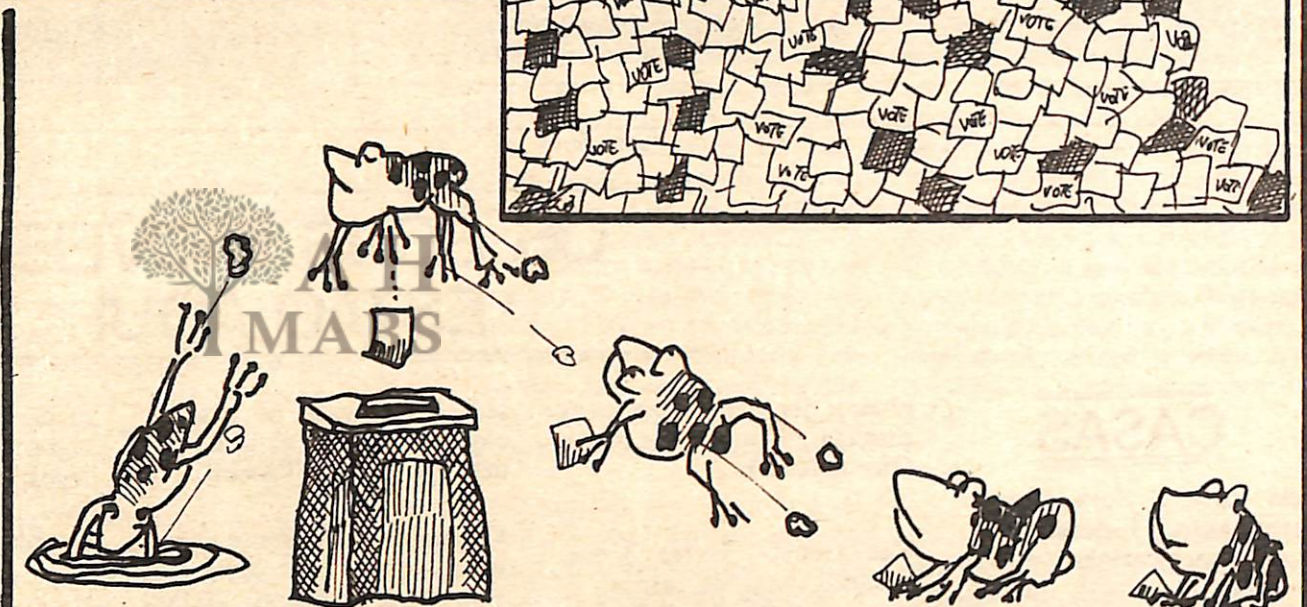
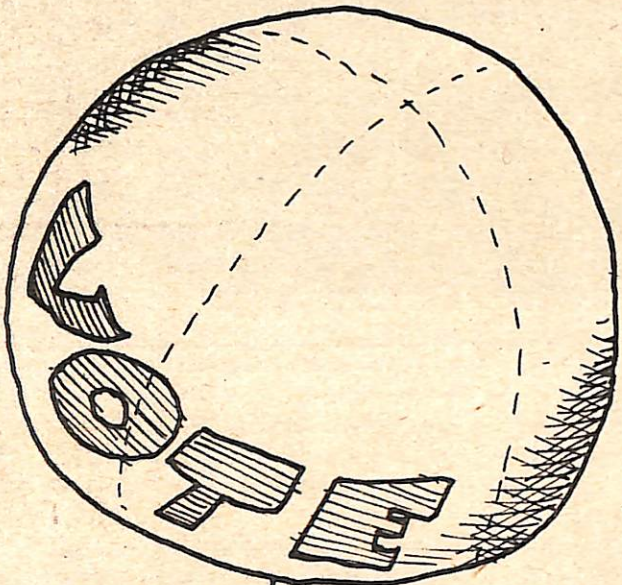
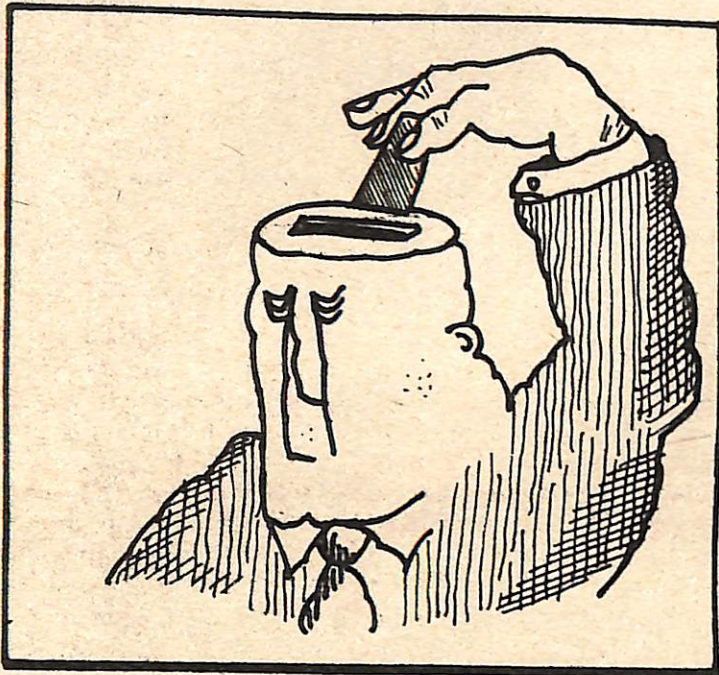
UNIDADE CAMPO LIMPO

Av. Manoel Tavares da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA

Praça Rotatória, s/n - J. Messina
Fone: 4-1666

DÉCIO VÊ AS ELEIÇÕES



BETO CINTRA



OS BONS IMÓVEIS ESTÃO AQUI

CASAS

Bela Vista — Nova, fase de acabamento, 3 dormitórios, abrigo, copa-cozinha, tres banheiros, quintal. **Oferta Vilar.**

Parque do Colégio — Mansão nova, com abrigo para 2 carros, living com armário e mais um banheiro, copa-cozinha, área de serviço, dependência para empregada, aquecedor central, etc. Pode ser financiada. **Oferta Vilar.**

Rangel Pestana — Térrea, sala em "L", lavabo, jardim de inverno, 3 dormitórios com armários, 2 banheiros sociais, garagem lavanderia, dependência de empregada. Cr\$ 1.300.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

Anhangabau — Térrea, dois dormitórios, abrigo, copa-cozinha, quintal. **Oferta Vilar**

Anhangabaú — Fina residência, sala, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, banheiro, salão de festas, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta Central de Imóveis.**

J. Messina — Fina residência, sala L, 3 dormitórios com armários, uma suite, garagem, copa-cozinha, b'a

nheiro, dependência para empregada, fino acabamento. **Oferta: Ribeiro**

Vila Arens — Térrea, 3 dormitórios, sala de jantar, living, copa-cozinha, 3 banheiros, dependência para empregada, ótimo acabamento. Cr\$ 700.000,00. **Oferta: Ribeiro**

Parque do Colégio — Jardim frontal, sala, 3 dormitórios com suite e closet, lavabo, copa-cozinha, banheiro social, lavanderia, dependência para empregada, garagem para seis carros. Cr\$ 800.000,00. **Oferta Central de Imóveis**

Rua Pirapora — Casa térrea, cozinha e banheiro. Ótima localização. Preço: Cr\$..... 250.000,00 à vista. Ver e tratar à rua Pirapora, 214, (ao lado do Anchieta) na parte da manhã.

SÍTIOS E CHÁCARAS

Medeiros — chácara maravilhosa, com 44.000 m2, totalmente plana, 2 casas sede novas, casa boa para caseiro, salão de festas, pomar, a 500 metros do asfalto. **Ocasão. Oferta Ribeiro.**

Caxambú — Linda chácara, com 1 alqueire formada, casa

sede nova, casa de caseiro, correjo, bosque natural, pomar, etc...**Oferta: Ribeiro**

Corrupira — excelente chácara, 1 alqueire, excelente casa nova, casa de caseiro, 10.000 m2 de gramado, 2 lagos, córrego, pomar a 200 metros do asfalto. **Oferta Ribeiro.**

Nova Era — chácara maravilhosa, 2,5 alqueires, excelente vivenda, sala ambientes, 3 amplos dormitórios, 2 banheiros, garagem, piscina com filtro, 20.000 m2 de gramado, pomar, dois lindos lagos, fino trato, casa de caseiro. Cr\$... 2.500.000,00 (1.230) **Oferta Central de Imóveis**

Malota — magnífica chácara, 5.000 m2, entrada majestosa, vivenda estilo "clássico", três dormitórios, 1 suite vestibulo duas amplas salas, lareira, cozinha moderna e funcional, banheiro, tudo com armários embutidos, carpete, dependência para empregada. Cr\$... 1.800.000,00 (977). **Oferta Central de Imóveis.**

ÁREAS E TERRENOS

Rio Acima — Duas com áreas de 40.000 e 84.000 m2. A primeira só com

mata e água corrente, a segunda com mata, 2 correjos, casa simples, pomar e uvas. Lugar recreativo e pitoresco. Distância de Jun-

diáí '4 km. **Ocasão. Oferta Ribeiro.**

Área — Bem localizada, 168 m2. **Oferta Vilar.**

OS BONS CORRETORES ESTÃO AQUI

VILLAR IMÓVEIS

Praça Rui Barbosa, 60
Fones 434-0111 — 434-0222

RIBEIRO IMÓVEIS

administração
e vendas

rua Mal. Deodoro da
Fonseca, 479
tel. 6-6388



CENTRAL DE IMÓVEIS

Rua Barão
de Jundiá, 1080
Fone 434-3311



Readers Digest

(flagrantes da vida real)

Ai, Jesus, que ainda bem que as palavras o vento leva e não deixam nem marcas e nem feridas e está tudo bem como estava antes e graças a Deus ninguém nem se cortou e nem se machucou, e as crianças estão bem, a sopa é abundante e o esforço que a gente fez, puxa vida, está recompensado, porque afinal de contas é disso que a gente gosta, é ou não é?

(.....)

E depois, que diabo, todo mundo tem chances iguais, quer dizer que então o sujeito se mata, estuda 10 anos, passa noites e noites sem dormir, e depois de fazer todo esse bruta sacrifício para colocar os pratos direitinho na prateleira vem alguém e quer quebrar tudo, ó, qualé?

(.....)

Lá está ela, quietinha no seu canto, apagando o fogo e a fome, arrumando os chinelos para o marido, que aí vem ele, coitado, tão cansado, deu duro o dia inteiro, coitado. Mas de noite ela foge para o outro lado, experimenta colocar os pés sobre a fogueira e quando vê que dói deita e dorme. Dorme muito e quieta, e no dia seguinte acorda tão alegre, tão saltitante, tão cheia de vida, coitada. Cansada.

(.....)

Estamos aqui reunidos, senhoras e senhores, para comemorar este magnífico evento e para enaltecer os méritos tão excelsa figura, esperamos fazer uma boa partida, se Deus quiser, mas o adversário é difícil, muito embora o momento seja de reflexão, pois prefiro não me manifestar a respeito, porque não quero ferir suscetibilidades, Excelência, nesta hora em que vencedores e vencidos, irmanados, levantam aos céus as suas preces, agradeço muito pelas palavras de incentivo que recebi e pelo apoio de todos aqueles que, de uma maneira ou de outra, houveram por bem,

pois afinal de contas nossos co-irmãos de todos os quadrantes do país, tudo foi bem graças a Deus, futebol é assim mesmo, a gente lutou, fez o que pode. Obrigado.

(.....)

Há quem diga que, mas na verdade não é bem assim. É preciso ver os dois lados da questão.

(.....)

Hortência comprou brócoli, Mário um paletó novo, Luis está de gravata. André quer um exaustor novo, Maria operou das amígdalas, Renato bateu o carro, Luis foi nomeado, Salete arrumou namorado, Lúcio está de ressaca, Robertinho teve catapora, Celeste caiu da escada, Olavo subiu na vida, Sueli arrancou um dente, Pedro abriu uma conta, Fernando gastou a poupança. Diabo, como este mundo está ficando louco!

(.....)

Realmente, ninguém se manifestou, ninguém disse uma palavra desagradável, ninguém reclamou, ninguém reivindicou, ninguém chateou, ninguém xingou, ninguém comentou erros, ninguém ofendeu a honra alheia, ninguém assediou a mulher do próximo, ninguém roubou, ninguém matou, ninguém pecou. Às seis horas, o funcionário fechou as portas do cemitério e não se ouviu uma queixa.

(.....)

Os filhos são obedientes, os operários diligentes, os chefes indulgentes, as esposas carinhosas, os maridos extremados, os médicos atenciosos, os burocratas sorridentes. As ruas são asfaltadas, as filas são inexistentes, a comida é abundante, a saúde é de ferro, os tecnocratas são eficientes. Se não fosse a televisão, que seria de nós, pobres mortais?

(.....)

Sandro Vaia

I

O caso do delegado Raul Nogueira de Lima, que matou com um tiro de revólver no rosto o soldado do Exército Humberto Libertino Júnior na semana retrasada, em S. Paulo, levou revolta e perplexidade aos familiares da vítima. E, ao mesmo tempo, provocou aquela pergunta que sempre se faz num acontecimento desse tipo: por que?

As preocupações divergem. Alguns, exclusivamente com a "exploração" (? ou sic) do fato; outros, animus laedendi, generalizam seu furor, confundindo instituição com questão pessoal; finalmente, existem aqueles que pensam em solidarizar-se.

De tudo na vida, acredito, podemos tirar lições. Inclusive das tragédias. Assim, vamos procurar analisar este absurdo caso, em que a vida de um moço de 19 anos foi bruscamente interrompida por um projétil perfuro-contuso, de calibre 38.

II

O nascimento é o início da vida; a morte, o fim; mas a morte violenta é um fim antes do fim. A morte violenta produz maiores efeitos na vida dos sobreviventes e na sociedade. O criminólogo Werthan acrescentaria: sejam as vítimas esquecidas ou não — e, frequentemente, nem são contadas — as mortes violentas têm consequências mais profundas e mais duradouras do que as admitidas.

Antes de alguém começar a praticar violências, muitos outros devem ter preparado o caminho. Observem bem, pensem e vejam como o mestre em criminologia e psiquiatria Fredric Werthan tem razão quando afirma: o agressor não é o único e, algumas vezes, não é o principal agressor.

Afirmção nebulosa? Absolutamente, não. Porque, no caso específico do delegado, por exemplo, o agressor chegou ao local, deu um tiro. O papel que representou, no entanto, foi escrito muito antes. Da mesma forma como um único ator não constitui uma peça teatral.

III

De fato, o papel representado foi escrito muito antes. Por aqueles que insistem, dolosamente, em confundir estrito cumprimento do dever legal com violência arbitrária. Por que se exige, em nosso Estado, que o delegado da Polícia seja um bacharel de Direito? Exatamente porque, no Estado líder da Federação, se pretende que esses bacharéis comandem o importante trabalho da polícia judiciária; que sejam cultores de Direito e dos direitos legítimos de todo cidadão; que sejam guardiões da paz; que sejam dignos representantes do Estado; que, enfim, compoñham e dirijam aquela Polícia ideal com a qual todos nós sonhamos, um dia, possuir.

O papel foi escrito muito tempo antes.....abyssus abyssum invocat. Esta preciosa lição do Antigo Testamento, extraída do livro de Salmos, afirma que uma falta atrai a outra. Quando, por causa de uma porção de cannabis sativa, L, o mesmo policial prendeu mais de 100 pessoas no interior de uma boate, levando-as de ônibus para o DEIC, ele não recebeu nenhuma admoestação. Ninguém achou o fato absurdo. O caso da boate foi recente e outros, muitos outros — bem mais graves do que esse — fizeram parte do curriculum vitae de uma carreira de mais de vinte anos.

Não se fez isso. Desrespeitou-se, conscientemente, o princípio que diz: audiatur et altera pars — isto é, que a outra parte seja também ouvida. Não apareceu ninguém para ponderar corrigir orientar, advertir. Assim, a peça foi sendo escrita, chegando agora a uma trágica apoteose.

Hoje, "solidários", muitos colegas do delegado vão levar o seu apoio, o seu abraço, a um homem que, com mais de vinte anos de carreira, tem a sua vida profissional destruída. De fato, juridicamente não há como fugir dos dispositivos do artigo 121 de nosso Código. O homicídio qualificado está previsto, ali, com todas as letras. E o máximo que um defensor, do mais alto gabarito, poderá conseguir será convencer os senhores jurados de que tudo se consumou em consequências de uma violenta emoção. Então, teríamos a equação: pena previsível de 6 a 20 anos. Mínima, 6. Violenta emoção, diminui-se um terço; 4 anos. E o delegado será automaticamente exonerado dos quadros funcionais da Secretaria de Segurança Pública, pois esta sanção atinge a todos aqueles condenados a penas superiores a dois anos.

IV

A lição aí está. Qualquer um de nós, em tese, pode se ver na mesma situação que o delegado. Quem não pode chegar em casa e encontrar um grupo de rapazes discutindo? Quem não pode estar acompanhado da mulher e ser xingado — como aconteceu com o delegado — e reagir explosivamente?

Quem não pode arrotar socialmente, em função do cargo que ocupa ("sabê com quem está falando?") como aconteceu — nesse caso — com indiciado e vítima?

Violência é ação física destruidora contra outra pessoa. E quantos não costumam recorrer a ela para resolver os seus problemas? Quantos não recorrem à violência apenas por covardia, mas com muita tendência a aderir a ela?

Como se vê, muitas peças continuam sendo escritas. O ato final depende muito de cada um de nós.

Percival de Souza

ASSINE O JORNAL DE 2ª

disque: 434-8648

UMA CÂMARA DE NOVATO

ARENA



Como candidato mais votado, o vereador José Rivelli disse que estava "muito feliz, muito honrado". Ele falou que continuará a ser o mesmo, pois "não sou candidato de época de eleição". Seu principal plano para a próxima legislatura consiste em continuar com as indicações para guias, sarjetas, água, luz e extensão de linhas de ônibus para os bairros.

Rivelli pretende continuar com seu trabalho para a aposentadoria da mulher aos 25 anos de serviço, férias de 30 dias, contagem recíproca ao funcionalismo. Sobre tudo isso, mais o fato de ter sido o candidato a vereador mais votado nas eleições deste ano, foram os motivos que levaram esse parlamentar a fazer um pronunciamento na sessão da Câmara de quarta-feira, frente a poucos colegas.



O vereador Elio Zillo estava comemorando sua reeleição com seus companheiros defronte a sua casa momentos antes de ir à sessão da Câmara da semana passada. Sobre isso, declarou:

— Quero destacar o trabalho dos amigos no dia da eleição, que fizeram tudo na base da amizade. Eu tinha esperança na reeleição, apesar do grande número de candidatos. Nós teremos muita luta, trabalho e dedicação ao lado do Executivo para que possamos fazer tudo.

Zillo pretende a complementação da rede de água e esgoto, a canalização dos córregos, áreas de lazer, centros esportivos, assistência a saúde, escolas e parques e assistências a escolares, principalmente com relação à merenda. Ele tem 35 anos, é solteiro e funcionário público federal. Seus amigos soltam fogos e o vereador agradecia à reportagem ao terminar de falar:

"to 'brigado".



Lázaro de Oliveira Dorta é outro advogado que milita na Câmara a conseguir a reeleição. Nascido em Bragança Paulista, tem 43 anos. Esperava uma votação maior, mas ficou satisfeito:

— Pretendo continuar defendendo os bairros, coisa que faco desde 1968, minha primeira eleição. Acredito que os bairros se encontram muito atrasados e tentarei mais uma vez sanar essa deficiência. Pedirei ainda um apoio do Governador para nossa cidade que, afinal de contas, possui trezentos e vinte anos e continua sem muito progresso. Lutarei para que o município, através do INPS, continue dando assistência social aos que não possuem recursos. A Arena tem tudo para fazer em Jundiaí porque não é uma coisa equilibrada, a Prefeitura e a Câmara são da Arena. Temos força total.



No meio da agitação de seus amigos, na noite de quarta-feira, o barbeiro José Roque de Moura (48 anos, casado, cinco filhos), estava bastante emocionado. Morador há 18 anos na Agapeama, ser eleito vereador "é um orgulho". A cidade para ele está bastante atrasada:

— Jundiaí está atrasada... (ele interrompe suas palavras, porque seus amigos passam a carregá-lo nos ombros). É preciso trabalhar com união. A Agapeama precisa de uma praça de esportes; vou trabalhar pelos bairros afastados. O esforço que fizeram por mim eu vou ter que pagar.

O estouro de fogos e a algazarra dos companheiros encerra suas declarações. Em seguida, alguns carros e um caminhão com uma animada bateria, reinicia a passeata pelo bairro.



O barbeiro Agostinho tem cinquenta anos, nasceu em São do Passa Quatro como recebeu sua

— Recebi minha com uma certa surpresa o número de votos dos nas urnas a mim. Desenvolverei um trabalho maneira correta e bem feita farei com que seja vinculado a grandes cidades, mas sim no do geral. Terei muitos voltados, como sempre para as pessoas menos recidas. A maioria na na Câmara de vereadores coordenada corretamente, trará para a comunidade uma melhor fícuia e de resultados mais positivos para



O também reeleito vereador Edmar Correa Dias comemorou na quarta-feira junto com os amigos. Eles, com alguns carros e uma camionete, fizeram uma passeata pela cidade, cheia de incidentes. A camionete e alguns carros se perderam. Na volta, ele, que é advogado falou sobre as eleições:

— Na vez passada, eu tive 1.105 votos e na reeleição, normalmente, o candidato não atinge novamente o número alcançado. Mas a minha votação foi expressiva, o que comove e sensibiliza o homem público, conseguindo vantagens para os segurados. Vou pleitear ao Ministério da Previdência Social o prosseguimento do projeto no sentido do INPS pagar o auxílio-funeral aos dependentes do filiado".



Depois das comemorações de quarta-feira, Lázaro de Almeida, eleito pela sexta vez à vereança, estava jantando no Recanto de Portugal, junto com amigos e familiares. "A eleição é um agradecimento por aquilo que a gente fez por Jundiaí há quatro anos", foi assim que ele se expressou sobre a votação que recebeu, o que fará com que complete 25 anos de Câmara. Ele não escondeu a mágoa dos acontecimentos que impediram sua candidatura nas eleições passadas:

— Fui um dos elementos injustiçados na convenção que "puxou o tapete" do Pedro. Há quatro anos a reeleição era fácil, mas os políticos profissionais impediram. Não quero trabalhar apenas pela Vila Arens, pois visitei 200 locais na periferia e vi que aquela gente foi esquecida. Entrei na luta pelos humildes.



Antonio Tavares, administrador de empresa, é um dos reeleitos. Deixou de ser entrevistado porque "viajou para Atibaia", segundo informação da família. Na atual gestão, esteve sempre ao lado do prefeito Ibis Cruz, aprovando tudo que viesse do Executivo.



Ari Castro Nunes Filho muito conhecido, no Jardim Bonfiglioli como Ari da Fama, não esperava o número de votos obtidos.

— Foi surpreendente para mim o número de votos que recebi. Não nego que eu esperava minha eleição, mas não com essa larga vantagem. O problema de ser jovem não houve, meus votos são de eleitores de qualquer idade. Lutarei com unhas e dentes para que saia consagrado da Câmara. Espero fazer o possível para não decepcionar o povo que em mim confiou.

O resultado das eleições era o que esperava:

— A maioria de : enist na Câmara não pode ser considerada uma surpresa, pois os candidatos escolhidos pelo MDB não tinham uma raiz política que propiciasse outro resultado.

VETERANOS E REELEITOS

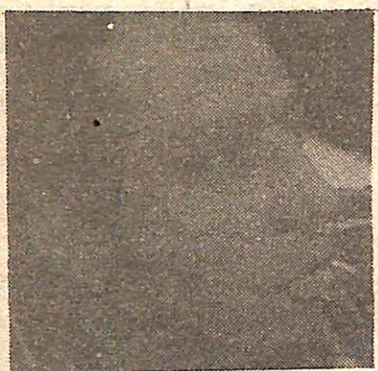
MDB



Duílio Buzaneli é jundiáense e tem cinquenta anos. Diz que recebeu sua vitória nas eleições deste ano com naturalidade. Foi o vereador por duas legislaturas consecutivas e quatro anos assessor técnico direto do governador Laudo Natel. Em seus nove anos de vereança, diz ter procurado desenvolver o atendimento para a zona rural e assistência social através das entidades constituídas de nosso município.

Por isso, declara que procurará estar dentro dos mesmos princípios e usará do diálogo com o prefeito eleito:

— Espero que ele entenda que o sustentáculo de uma administração não está em grupos restritos e sim na coletividade. Meus princípios são globais e não grupais. Isso não quer dizer que ele esteja fora dessa globalidade. Espero ser um vigilante dos interesses do povo.



O industrial Henrique Franco (36 anos, solteiro e, segundo ele, disponível) estava na sessão da Câmara. Debruçado sobre a separação do plenário e o auditório, ele falou, com ares grandiloquentes:

—Minha reeleição vai me permitir divulgar ao Executivo idéias ou soluções aos problemas psico-sociais que acredito são de ordem prioritária em nosso município. Nós temos hoje, graves problemas, vários deles motivados pela falta de infra-estrutura adequada ao desenvolvimento que o nosso município vem sofrendo. Acho que a Câmara é o órgão político da cidade e cabe a ele dar as diretrizes básicas a serem seguidas pelo Executivo e não vice-versa (quando disse isso, ele sorriu marotamente).



O candidato mais votado pela legenda do MDB, vereador Pedro Oswaldo Beagin, disse que “esperava a reeleição porque nós tivemos na Casa uma linha de conduta que a população conhece e, por aquilo que fizemos pelo bairro e por Jundiá”.

Sobre seus planos para a próxima legislatura, ele disse:

— A única promessa foi de trabalhar e continuar visitando esses locais frequentemente.

Beagin tem 28 anos, casado, pai de um garoto (completou dois anos e sete dias na quarta-feira passada, segundo ele, depois de consultar seu relógio calendário). É preparador físico do Paulista FC, professor de Educação Física do Sesi e técnico especializado em natação, futebol e voleibol.



André Benassi tem trinta e nove anos nasceu em Jundiá. Como não poderia deixar de ser, diz ter ficado muito satisfeito com sua vitória nas eleições. Acha que os votos que recebeu serviram para demonstrar que tem muitos amigos. Quanto a seus planos nos declarou o seguinte:

— Em primeiro lugar não admitirei corrupção, darei todo meu prestígio ao que estiver certo e combatarei tudo que eu julgar errado. Serei um verdadeiro fiscal do dinheiro público. Farei valer o princípio de justiça e o direito do cidadão jundiáense. Foi com muito desgosto que vi a maioria da câmara de vereadores pertencer a Arena, não pelos candidatos eleitos, mas pela nossa cidade que precisa ter uma Câmara equilibrada. O povo precisa ter uma representação.



O advogado Tarcísio Germano de Lemos, durante a apuração, alternou a primeira colocação na legenda oposicionista com o vereador Beagin, mas acabou em segundo lugar. Ele é natural de Tietê e tem quarenta e seis anos. Na praça central da Vila Hortolândia, durante a campanha, ele lançou sua candidatura a deputado. Sobre os resultados do pleito da semana passada, declarou:

— Minha eleição era esperada, inclusive o número de votos. Quanto à eleição para prefeito, o MDB alcançou sua finalidade, isto é, derrotar um adversário comum. E nosso partido rompeu a máquina que comandava o destino da cidade. Farei na Câmara o que manda o estatuto do meu partido. Não há democracia sem oposição e a desvantagem numérica será superada com trabalho, dignidade e amor à causa pública.



O mais jovem eleito é o estudante Ariovaldo Alves, chamado pelos amigos de BCC, apelido que herdou do irmão. Ele explica sua posição:

— Minha candidatura demonstra a falta de jovens na política. Essa é a primeira vez que participo e, analisando, iríamos ver dois aspectos: um negativo e outro positivo. Positivo no sentido do jovem querer um representante e participar da política votando em um candidato jovem (BCC tem 23 anos). O outro lado é que não foram questionadas minhas idéias políticas. Então, senti que a votação foi em face da minha idade e não por meu objetivo. Mas, no aspecto geral, minha eleição é uma coisa boa, porque abrirei um caminho político para os mais jovens. Teremos alguns problemas na Câmara por representarmos uma minoria numérica, mas eles serão facilmente contornados.



O metalúrgico Ercílio Carpi (34 anos, casado, 2 filhos), conhecido por Tatu, chegou no começo da noite de quarta-feira à sua casa. Emocionado, ainda com o macaco (símbolo da campanha do dr. Cid Ognibene à Prefeitura) sobre o seu carro, acalmou seus amigos para começar a falar:

— Em primeiro lugar, agradeço a formação que meus pais me deram, somente com isso é que poderia chegar à Câmara.

Entre outros agradecimentos, ele falou sobre sua equipe, que iniciou a campanha há dois anos, sendo aplaudido pelos presentes. Enquanto abria uma garrafa de sidra, relatou seus planos, que incluem resolver problemas de água e esgoto de seu bairro, a Agapeama, e dos bairros vizinhos, assistência aos escolares e pavimentação de ruas, além de citar a dívida da cidade e a atenção que os humildes devem ter.



Lázaro Rosa, 38 anos, gerente de vendas da Astra, antes mesmo de saber o resultado oficial das apurações, viajou para um sítio em Minas Gerais, onde iria pescar. “Ele estava estafado e já havia se contentado com a função de suplente do MDB na Câmara”, declarou Edna Rosa, sua esposa.

Festejando a vitória, os amigos e parentes agradeceram em seu nome a votação obtida, afirmando ter sido graças a um trabalho árduo, limpo e sem muitos gastos, realizado na Vila Rami. Vila Maringá, Retiro e no Vianelo, onde reside há 10 anos. Em sua propaganda eleitoral, apresentava como razões para que votassem nele o fato de ser filho de antiga e tradicional família da Vila Rami, tendo portanto interesse em servir aquele bairro e adjacências e como sendo um candidato que apresentava um plano de trabalho concreto, objetivo e sem promessas demagógicas.

AS ELEIÇÕES 76

O dia 15 de novembro amanheceu quente, movimentado, colorido. A primeira surpresa: em muitos postes da cidade, painéis do candidato Rubens de Luca, exatamente como a Justiça Eleitoral proibira. A segunda surpresa: veículos ornamentados com a propaganda dos candidatos estavam fornecendo condução gratuita para os eleitores, exatamente como a Justiça Eleitoral proibira.

Um pouco antes de começar a votação, os cabos eleitorais estavam apostos, de uniformes, chapéus de palha, camisetas. O contingente mais forte era sem dúvida o do candidato Arnaldo Reis, que dispunha também da mais vistosa frota de veículos já vista numa eleição em Jundiá.

O gigantesco aparato eleitoral foi, naturalmente, em grande parte lubrificado com generosos cachês que variavam de 100 a 500 ou alguns casos até 1.000 cruzeiros por um dia de estafante trabalho. Houve muitos casos de cabos eleitorais não identificados com a causa de seus contratadores, e na maioria dos casos, apenas com exceção dos voluntários, distribuíam panfletos a êsmo, atiravam-nos para o ar, ou simplesmente agrediam os motoristas de carros atirando maços de panfletos janela adentro do carro, alguns até com violência. Alguns deles se justificavam:

— Estou aqui só pra defender o meu.

Os mais agressivos sem dúvida eram os cabos eleitorais do candidato do prefeito, Arnaldo Reis, que aliás não perderam tempo: alguns minutos depois de encerrada a votação, concentraram-se em frente à sede do QG da campanha, o Clube 28 de Setembro, para receber seu pagamento pelos serviços prestados. Entre os contratados, também alguns táxis, que operavam de bandeira abaixada e sem a placa de identificação de carros de aluguel. Muitas pessoas foram surpreendidas quando tentavam pagar a corrida e eram gentilmente dispensadas pelo motorista, que em retribuição oferecia panfletos exaltando as virtudes do candidato.

Terminada a votação, nos QGs dos candidatos falava-se mais ou menos discretamente em "já ganhamos". Alguns mais eufóricos ensaiavam festas, ou passeatas.

Às seis da tarde, 86.536 votos estavam depositados nas urnas da cidade. Apenas 3.948 deixaram de votar. Um dos menores índices de abstenção do país: 4,7%.

Ao se aproximar de uma voluntária que trabalhava com fervor para o candidato do Mdb, uma senhora de aparência bastante razoável, e como as aparências enganam, disse sem pestanejar:

— Sai sarna...

Alguns mesários acompanharam pequenos dramas e comédias. Numa das seções do Anchieta, uma mulher, toda fantasiada com adesivos de Arnaldo Reis, apareceu às 16h45 com dois títulos de eleitor na mão. A todo custo queria votar por ela e pela irmã, que não pudera comparecer. Foi difícil convencê-la da irregularidade de sua pretensão.

Numa outra seção, apareceram três gerações de mulheres de uma mesma família, mãe, filha e avó, e se encaminharam para a cabine de votação. Advertidas da irregularidade, as senhoras e senhorinhas estranharam:

— Mas porque não podemos votar juntas? Afinal, vamos votar no mesmo candidato...

Em outra seção, uma família apareceu carregando nos braços um velho entevado, doente, e explicaram que ele não poderia votar porque estava "naquele estado". Como se demorassem

demais a descrever o lamentável estado do velho parente, que ouvia mas não podia falar, ele teve uma crise de choro que acabou constringendo a todos os presentes.

No colégio São Vicente, muitos eleitores não conseguiam encontrar a entrada para a cabine, e ficaram andando em volta dela, até que desistiam e pediam ajuda dos mesários. Um desses eleitores, um tanto mais desastrado, apoiou-se mal e caiu ao chão com cabine e tudo. Depois de verificada a sua perfeita integridade física, levantaram-no do chão, recompuseram a cabine e reiniciou-se assim o democrático pleito.

A Rádio Difusora, como tradicionalmente acontece, fez a melhor cobertura das apurações, mesmo usando seus velhos esquemas, que incluem um fantástico "cérebro eletrônico" instalado em nosso estúdio, e alguns deslizos de linguagem, afinal de contas perdoáveis diante das circunstâncias.

O próprio dono da rádio fica comandando sua equipe nos estúdios e é ele que fi-

ca com a incumbência mais importante de dar os totais parciais das apurações, sempre acompanhados de uma marchinha que fornece um certo tom de suspense.

É certo também que ao enveredar pelo perigoso caminho do comentário, o locutor-proprietário da rádio, Tobias Muzaiel, não conseguiu ser tão objetivo como quando se limitava simplesmente a fornecer os números. Talvez tenha sido por isso que no meio da enunciação de alguns resultados, ele tenha saído do ar por alguns instantes atribuindo a sua ausência a "um pequeno acesso de tosse provocado pelo tabagismo de alguns circunstantes" ou que tenha atribuído a um candidato uma "expressiva votação". O excesso de trabalho pode ter sido também o responsável pela informação de que um certo candidato tinha subido do 5.º para o 8.º lugar na votação geral, ou pela informação pouco relevante de que a dona Ieda, generosamente mandou alguns suspiros para a turma da rádio. É a euforia final pela vitória da Arena também deixou um pouco a desejar em matéria de objetividade.

Mas de uma maneira geral a Difusora se saiu bem no trabalho de informar. Não será exagero dizer que a cidade inteira acompanhou as apurações com radinhos de pilha ligados na Difusora. O trabalho de seus repórteres de campo, os que ficaram

no Bolão, acompanhando as apurações, foi muito bom.

Da mocinha que trabalhou para o candidato Erazé Martinho.

"Eu estava trabalhando e dizia para os eleitores:

— Vote Erazé, Vote MDB.

Sabe como é, era uma frase que rimava, ajudava bastante. Muitos me responderam:

— Eu já tenho meu candidato.

Eu perguntava:

— É do MDB?

Eles respondiam:

— É sim. É o Pedro Fávaro.

Para um dos cabos eleitorais postados diante da Escola Anchieta da rua Marcílio Dias a luta estava difícil demais: ele era apenas um, contra uma multidão de adversários.

Entre esses adversários estava um candidato a vereador, Waldemar Rabelo, fazendo a sua própria cabala. Com uma certa vantagem, já que estava mais estrategicamente colocado, bem à porta de entrada.

O cabo eleitoral solitário, sentindo que não poderia combater a todos, dirigiu sua bateria contra Rabelo, passando a apregoar:

— Quem vota no Rabelo fica sem cabelo.

E sempre que dizia isso, levantava o chapéu que o protegia do sol, exibindo sua bem cuidada careca.

Em certos locais de votação, como no Instituto de Educação, a quantidade de homens, mulheres e crianças encarregados de distribuir propaganda eleitoral era tão grande que chegou a dificultar o trânsito de eleitores pelas calçadas. Assim, depois de atravessar, a duras penas, o exército de propagandista, o eleitor chegava ao interior do Instituto com um punhado de papeluchos que, se tivesse de se decidir por eles estaria escolhendo até hoje.

No meio dessa confusão toda, uma garotinha de cerca de 10 anos, muito séria na execução do seu trabalho, conseguiu aproximar-se de um homem e foi incisiva no seu apelo:

— Vote em Erazé, é a solução.

Somente depois de entregar a réplica da cédula-única com a indicação do seu candidato foi que a garotinha apercebeu-se e corou. O "eleitor" era o próprio candidato, que passava pela rua do Retiro, em direção ao seu comitê.

Aconteceu na boca da urna do Instituto. As pessoas que trabalhavam para o Arnaldo Reis chegaram ao cúmulo de ajudar os eleitores, geralmente mulheres ou grávidas, a descer os quatro degraus da escada. Acabando de descê-las, eles diziam: "votem em Arnaldo Reis, quarto quadrado".



Aqui, uma análise do que significaram as eleições municipais deste ano.

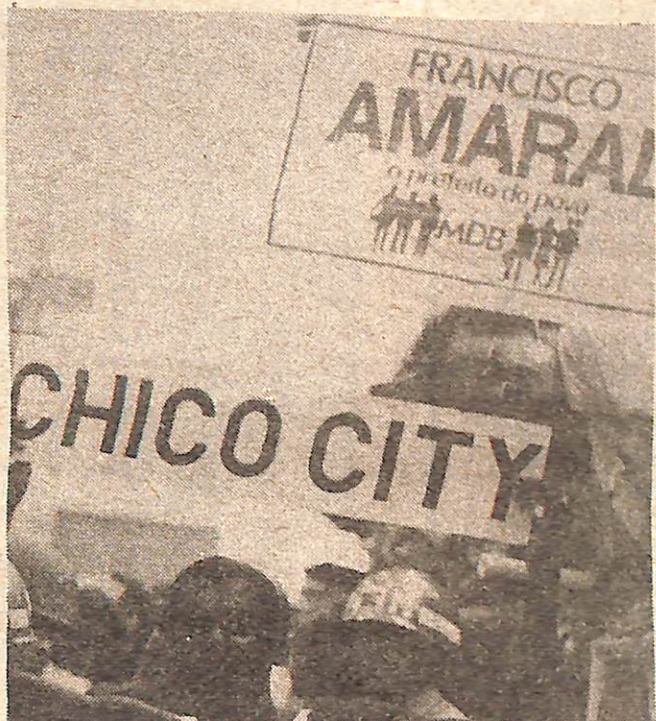
AS ELEIÇÕES 76

A vitória em todo o país foi de todos, e a eleita foi a democracia. Esta é a impressão que ficou do 15 de novembro. Não foi por outra coisa que, arrebatado, o governador Paulo Egídio foi até o inimaginável, ao defender eleições diretas para a escolha do presidente da República. "O povo é um grande juiz — disse o governador — acredito no julgamento popular, no processo de governo pelo voto popular".

A Arena está satisfeita porque, comparando estas eleições com as de 1974, ela ganhou. O MDB está satisfeito porque, comparando estas eleições com as de 1972, ele ganhou. E transpira das altas fontes do Planalto que o presidente está satisfeito, porque ele é a favor das eleições, e as eleições funcionaram.

Os analistas, como se esperava, saíram a campo para extrair dos números lições, sentenças e profecias. "Os resultados eleitorais — disse o vetusto Estadão — já claramente delineados, embora susceptíveis de alterações setoriais irrelevantes para a visão de conjunto (o jornal dos Mesquita escrevia isso na quinta-feira, quando ainda não havia resultados finais, N. da R.) compõem uma equação de tão harmonioso equilíbrio, quando considerado do ângulo político, mas apartidário, que inspirou ao senador Petrônio Portella uma definição exemplar: eles fortalecem a Arena sem desmoralizar o MDB".

Aconteceu o que mais ou menos se esperava: nos grandes centros urbanos, ganhou o MDB, mas não ganhou com uma diferença esmagadora como em 1974. (Com exceção de Campinas, onde o emedebista Francisco Amaral arrasou seus adversários, seus correligionários, e mais os votos brancos e nulos). Nas pequenas cidades, em muitas



das quais o MDB simplesmente não existe, prevaleceu a hegemonia governista, salvo algumas pequenas surpresas aqui e ali.

As declarações das lideranças dos dois partidos, deixam claro que os resultados serviram a todos. Ulisses Guimarães, por exemplo, disse que "a democracia, assim, vai-se firmando. Eleição gera eleição, voto gera voto e esta dinâmica é fundamental para a normalização democrática do país".

Alberto Dines, da Fôlha de São Paulo, acha que "este empate psicológico é o que de melhor poderia ter acontecido à nossa situação. Se Deus é brasileiro, como às vezes parece, esta foi uma das tais ocasiões em que deu magnífica demonstração de estar ao nosso lado".

Até mesmo o radical líder arenista José Bonifácio fez declarações pró-democráticas após o resultado das eleições, elogiou o MDB, e chegou ao exagêro de defender a realização de eleições todo ano, para "coibir a corrupção, isto é, as despesas legais" que se fazem na campanha. Assim, racionou José Bonifácio, "não haverá dinheiro que chegue" e a corrupção acabará.

Resta, é claro, no meio dessa indisfarçável euforia generalizada, uma sombra de dúvida sobre o futuro político do país, embora pareçam distanciar-se as possibilidades da adoção de fórmulas heterodoxas que muito defendiam antes das eleições, prevendo a possibilidade de uma catastrófica performance do partido governista. Como não houve catástrofe, as vozes agora são mais tranquilas e otimistas. Embora alguns analistas políticos, como Carlos Chagas, de "O Estado", ainda prefiram manter os pés no chão, para lembrar que, por exemplo, sobram restrições. Como a Lei Falcão.

Novos prefeitos terão de apurar atos de corrupção

A notícia vem de Brasília os candidatos que se elegerem prefeitos deverão iniciar sua gestão com a missão de comunicar ao Tribunal de Contas da União a ocorrência de desfalques, desvios de bens ou outras irregularidades que resultam em prejuízos ao Fundo de Participação dos Municípios, tomando providências imediatas para garantir o seu ressarcimento, sob pena de co-responsabilidade.

Os prefeitos que deixam seus cargos, por sua vez, deverão entregar ao seu sucessor todos os documentos e livros

devidamente escriturados, bem como proceder a um levantamento sumário das contas parciais do período transcorrido entre o dia 1.º de janeiro e o término da gestão, a fim de ser anexado às contas gerais por exercício, de forma a tornar possível a perfeita individualização das responsabilidades.

Esse procedimento deverá ser adotado nos municípios sempre que houver mudança da administração, de acordo com resolução baixada pelo TCU, pois, apesar de sua ação

de caráter pedagógico, exercida através de inspeções extraordinárias, o Tribunal está processando prefeitos de 1.348 cidades por aplicação irregular ou fraudulenta do Fundo de Participação. O objetivo desse procedimento é evitar que os prefeitos a serem eleitos assumam seus cargos com problemas na prestação de contas de seus antecessores.

No exame de prestações de contas das prefeituras, o TCU tem observado, com

muita frequência, a retirada sistemática de documentos da sede do município, atraso em sua contabilidade e mesmo a realização dessas contas por escritórios especializados, de forma irregular; ausência total de planejamento; irregularidades na assinatura de contratos; atraso no pagamento de seus funcionários; não cumprimento dos programas do Plano Nacional de Desenvolvimento, principalmente nos setores de Educação e de Saúde e execuções de despesas vedadas à conta dos Fundos.

O Tribunal de Contas suspendeu, ainda, o pagamento das quotas do Fundo de Participação de 252 municípios que deixaram de enviar suas prestações de contas relativas ao ano passado. Estão entre os omissos 17 municípios de São Paulo, 7 de Minas e 31 da Bahia (não se sabe os nomes das cidades). O restabelecimento das quotas só será efetuado quando sanados os motivos determinantes da suspensão. Até lá, esses municípios terão de se valer, em sua grande maioria, de seus próprios recursos.



Um homem de bronze para você.

Antes de mais nada, uma retificação que se faz necessária, devido a adiamento por uma semana do filme "Dona Flor e Seus Dois Maridos": na edição da semana passada, onse se lê "Chegou Dona Flor. O resto é lixo". leia: "Tudo é lixo".

Agora sim, Dona Flor entra em cartaz, no dia 22, e vai até 30 de novembro, no Cine Marabá. Contém Sonia Braga e José Wilker, mais a competente direção de Bruno Barreto (aquele de "A Estrela Sobe"). Ah, é baseado no romance de Jorge Amado, que teve uma tiragem de um milhão de exemplares. Vadinho, um tipo debochado, trapaceiro, safado, casa com Dona Flor. Morre num dia de carnaval. Mais tarde, a viúva casa-se com o dr. Teodoro um farmacêutico que era o contrário de Vadinho (anotem aí: ohnidaV): gostava de música clássica, nunca perdia

hora, um gentleman. Aí começa a aparecer o fantasma do Vadinho no leito da viúva. Sem algodão nas narinas.

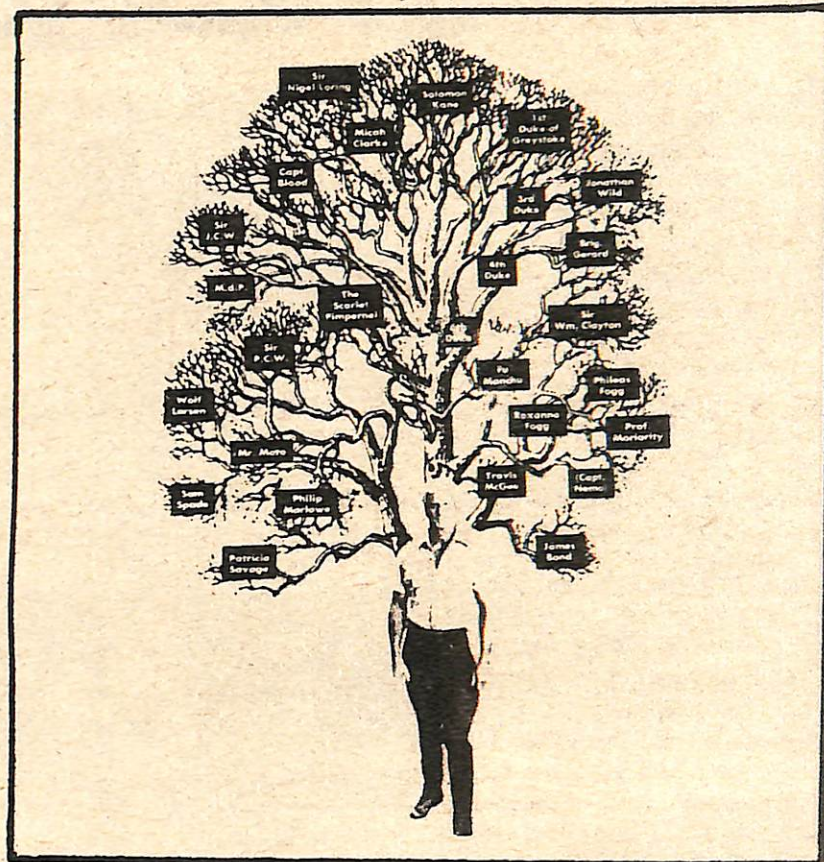
E agora, com vocês, os outros filmes da semana (fundo musical: marcha fúnebre):

Doc Savage, o Homem de Bronze — Dias 22 e 23, no Ipiranga. Com Rom Ely, Paul Gleason e Bill Lucking. Clark Savage Jr. é um homem dotado de força extraordinária e inteligência genial, diz o folheto de divulgação do filme (pensaram que se tratava da seção "Gente que é Gente?"). Está empenhado numa série de experiências em seu laboratório na região artica (atenção, revisão: não confundir com erótica) quando recebe por telepatia um aviso de sua: equipes de cientistas em Nova York. Esse negócio de telepatia já deixa a gente meio desanimado para continuar contando a

história. Vamos passar para o outro filme, não sem antes registrar aqui o que o produtor George Pal fala de Doc Savage: "Ele é o epitome do homem livre". Issaí...

Viva Django — Dias 24 e 25, no Ipiranga. "Transformado em um carrasco de bandidos, cavou por vingança as suas covas". Com Terence Hill, George Eastman e um cidadão chamado Pinuccio Ardia. Django transportava o ouro de uma mina (calma, boys, é outro tipo de mina) para a agência de um banco distante quando foi assaltado por bandidos que o ferem e matam sua esposa. Mais tarde ele se vinga dos assaltantes, num verdadeiro massacre. Igual a vitória do Chico Amaral em Campinas.

Carambola — Dias 26 e 17 no Ipiranga. E nada mais nos foi dito e nem perguntado. (AF)



Doc Savage e sua árvore genealógica

"O Exorcista n.o 2", com cenário carioca.

Haverá no mundo um cinegrafista talentoso o bastante para dar à paisagem carioca uma aparência demoníaca? Garret Brown, que veio ao Rio, para filmar cenas de O Exorcista — parte 2, acha que sim, desde que entre a câmara e a paisagem, e em primeiro plano, estejam coisas que as favelas do Jacarezinho e da Euclides da Rocha, está última em Copacabana. É nestes dois locais que a câmara de Brown

funcionará nas cenas iniciais do filme, segundo ele, "como o olho do demônio" vem passeando nos últimos dias, filmando — sempre com a paisagem carioca como parte de fundo — os favelados, seus barracos e cenas rituais de sua fé — a umbanda.

Quando o filme começar a ser exibido, no entanto, só os que conhecem o Rio sabemos que as cenas iniciais se passam aqui. Ao contrário de O Exorcista, que dava crédito ao país em que foram feitas suas cenas iniciais, o Iraque, neste filme não haverá, segundo informou Rospo Pallenberg, o roteirista — que veio acompanhar as filmagens — "qualquer referência ao Rio, Brasil, ou mesmo a América do Sul".

Coube à equipe de Herbert Richers, os preparativos, que duraram um mês, para receber a equipe americana que veio filmar as cenas iniciais de O Exorcista — parte 2. Além de Pallenberg e Garret Brown, veio o assistente deste, o também cinegrafista Ralph Hotchkiss. Eles são auxiliados pelo próprio Richers, e mais Walter Webb, Herbert Bivunio



As filmagens, no Rio.

Luiz Carlos Saldanha, Ronaldo Nunes, todos brasileiros.

O filme não terá nenhum ator brasileiro em papel de destaque: apenas dezenas de figurantes — a maioria recrutada entre os moradores das duas favelas — e, um doublé de Richard Burton, o ator principal (ele viverá o padre possuído pelo demônio). É que o ator galês não quis vir ao Brasil, e a produção teve que escolher aqui, alguém que de costas, parecesse o bastante com ele para substituí-lo nas cenas cariocas do filme. O escolhido vai ganhar Cr\$...

5 mil por dia de filmagem. Mas não terá seu nome citado nos créditos, e acha isso muito bom, porque é advogado, vai fazer concurso para juiz e tem medo de que o fato de ter parecido num filme venha a prejudicar sua carreira:

— Sei que fazer a abertura de um filme que será visto por milhões de pessoas no mundo todo, como sócia de um ator muito conhecido, é importantíssimo para quem deseja ser ator. Mas eu não quero, prefiro me dedicar completamente à minha carreira ligada ao direito — disse

ele, ao explicar sua exigência de manter-se no anonimato.

Já Maria Benedita dos Santos, 50 anos, "doida por televisão" e "finalista no concurso da empregada mais simpática do Chacrinha", não tem essa preocupação. Empenhadíssima no seu papel de favelada — ontem ela foi filmada com os pés descalços enterrados na lama —, Maria Benedita comentou:

— Eu me inscrevi como figurante na agência, e eles me chamaram. Vou ganhar uns Cr\$ 200, e isso vai ser a salvação da lavoura. Agora o

importante mesmo é saber que estou no mesmo filme do marido de Elizabeth Taylor. Ora bolas, se ela pode, por que eu não posso?

Benedita e outros extras — fora os favelados de verdade, escolhidos na hora — foram convocados através de uma agência de artistas, a Escalada. Todos receberão de Cr\$ 50 a Cr\$ 300, dependendo de suas aparições nas cenas rodadas. Os favelados, no entanto, estavam recebendo na semana passada apenas um "cachê simbólico": Cr\$ 10 a Cr\$ 20.

De qualquer modo, todos estavam satisfeitos, principalmente porque à hora do almoço, comeram a mesma comida dos gringos, como disse Luiz Armando dos Santos, morador do barraco 44 da favela da Euclides da Rocha:

— E ainda nos dão refrigerantes e iogurtes à vontade.

Herbert Richers disse que a preocupação dos norte-americanos, ao situar as cenas iniciais do filme naqueles locais, é mostrar "uma realidade social, mas não o sub-mundo".

— A princípio eles queriam rodar as cenas na Favela da Rocinha, mas os lugares que escolhemos, no Jacarezinho e aqui, na Ladeira dos Tabajaras, são plasticamente mais enquadrados na temática do filme.

O Exorcista — parte 2 já está praticamente pronto. Nele trabalham, além de Burton Louise Fletcher (a enfermeira sádica de Um Estranho no Ninho) e Linda Blair a menina endemoniada no filme anterior, agora com 17 anos.

Jornal do Disco



Stevie Wonder: "Eu nunca soube o que era enxergar, portanto, isto é a mesma coisa que enxergar. O que eu não entendo e não posso entender é como as pessoas podem ser tão cegas espiritualmente. Como as pessoas podem ser, continuamente, confundidas".

Cento e quatro minutos do excelente som de Stevie Wonder

Já se fala que este é o lançamento da década, em matéria de música popular internacional: "Songs in the Key of Life", de Stevie Wonder, lançamento da Tamla Motown/Top Tape, embalagem de superprodução contendo dois Lps, um compacto e um folheto de 24 páginas com as letras e a ficha técnica do disco. Ao todo, 104 minutos de som.

Destaques para "Village Ghetto Land" e "Pastime Paradise".

"Eis minha música/ Ela é tudo que eu tenho/ Para dizer-lhe como me sinto/ sabe que seu amor/ mantém meu amor mais forte". (Mensagem inscrita em braille no "Talking Book", de Stevie Wonder.

Nascido em Saginaw, Michigan, Steveland Morris começou sua carreira cantando músicas de Johnny Ace em becos e varandas da cidade industrial, visitando, sempre que podia, o apartamento do vizinho, onde existia um piano, "objeto mais colorido para os sentidos daquela criança cega". contam seus biógrafos. Aos oito anos de idade, ganhou uma gaita de um barbeiro da família e, aos dez, era conduzido aos pro-

dutores da Matown pelo irmão de um amigo, Ronnie White, integrante do grupo "The Miracles". Os empresários da companhia negra mudaram seu nome para Little Stevie Wonder e, aos 12 anos, ele gravou seu primeiro álbum, "Fingertips". Os discos iam se sucedendo até seu primeiro sucesso mundial "Yester Me, Yester You, Yesterday". Em 1972, ele já não era mais "Little" e iria abrir todas as apresentações dos Rollins Stones conquistando também o público de rock, principalmente com as músicas "Superstition" e "You Are The Sunshine of my Life".

No dia 6 de agosto de 1973, foi internado em estado de coma, depois de um acidente de automóvel. Quando os médicos disseram que a possibilidade de sobrevivência era mínima, ninguém poderia imaginar que sete meses mais tarde ele estaria plenamente recuperado, recebendo cinco prêmios "Grammy" (o "Oscar do disco" pelo seu primeiro trabalho depois do acidente: o LP "Innervisions". De lá para cá, a fortuna e a tranquilidade suficiente para manter um recesso de 26 meses, compondo e arrajando cada faixa de "Songs in the key of life".

VARIEDADES



Escreva um conto, mande pra nós. Você pode ser premiado.

Com o objetivo de incentivar o aparecimento de novos valores e de estimular a literatura em nossa cidade, o Jornal de 2a-Feira está criando o I Concurso de Contos de Jundiá. Poderão concorrer todos os interessados, e os contos serão julgados por uma Comissão a ser anunciada oportunamente pelas páginas do Jornal de 2a. O melhor conto será premiado com 3 mil cruzeiros. O segundo colocado com 1.500 cruzeiros, e o terceiro colocado receberá 500 cruzeiros. Prazo de entrega: até 15 de janeiro.

Este é o regulamento do I Concurso de Contos:

1 - o I Concurso de Contos de Jundiá, criado pela Editora Japi, proprietária do Jornal de 2a-Feira, oferecerá 3 mil cruzeiros ao vencedor, 1.500 cruzeiros ao segundo colocado e 500 cruzeiros ao terceiro colocado, de acordo com o julgamento da Comissão a ser designada pela leitura e seleção dos textos;

2 - poderão concorrer todos os interessados, sem qualquer limite de idade, e sem qualquer outra distinção;

3 - os trabalhos enviados devem ser inéditos;

4 - os temas serão de escolha absolutamente livre dos concorrentes;

5 - todos os candidatos ao concurso deverão enviar seus trabalhos sob pseudônimo, em cinco vias, ao Jornal de 2a-Feira, rua Senador Fonseca, 1044, Jundiá, CEP 13.200. Em envelope à parte, fechado, deverão ser colocados o nome real, o pseudônimo, o endereço, dez linhas de dados pessoais;

6 - os trabalhos deverão ser datilografados em espaço duplo numa só face do papel, com uma média aproximada de 30 linhas de 70 toques por página;

7 - os trabalhos devem ter as seguintes dimensões: mínimo de 2 páginas datilografadas, máximo de 14;

8 - os três primeiros colocados serão publicados nas páginas do Jornal de 2a.; outros trabalhos, mesmo não premiados, poderão ser publicados, a critério da direção da Editora Japi;

9 - os trabalhos deverão ser entregues até o dia 15 de janeiro de 1977;

10 - os resultados do concurso serão divulgados num prazo não superior a dois meses a partir da data do encerramento do concurso; os prêmios serão entregues em data a ser fixada, e que será publicada pelo Jornal de 2a-Feira;

11 - os casos omissos serão resolvidos pela direção da Editora Japi.

PROGRAMA

Restaurantes: no Passarin (rua Lúcia B. Passarin s/n), uma boa opção é o Capeletti à Papalina, ou seja, capeletti com molho branco, gratinado no forno, que custa 40 cruzeiros a porção. Para beber, vinho Charboneau tinto a 25 cruzeiros a garrafa.

Grêmio: dia 27, Baile dos Veteranos, uma promoção do Clube Beneficente Recreativo Veteranos de Jundiá. No domingo brincadeira dançante com o conjunto Esquema Show.

Clube Jundiense: baile do Hawai, com o Super Som TA. Traje típico havaiano ou esporte.

Banda: mini-baile com o Grupo Musical Sândalus, no sábado. No domingo, brincadeira com o Som Vox 6.

Caxambú: sábado, "Noite de Verão" com o Tropical Jungle.

Música: no Gabinete de Leitura Ruy Barbosa, sábado às 19 horas, haverá uma audição de piano e violão, com alunos das professoras Neusa B. Picolo e Irene Conceição O. Bedin. Dia 29 às 19h30, outra audição de piano com alunos da prof. Carmem Sylvia T. Pernambuco. Nota: para todas as apresentações a entrada será franca.

ACOUGUE E CASA DE CARNES MARCIO CACEZES
Rua Senador Fonseca, 1032
Entregas à domicílio
Fone 6-4880

COMÉRCIO DE COUROS
Rua Dr. Torres Neves, 338
Bola futebol n.º 1 - 60,00
Bola futebol n.º 2 - 74,00
Bola futebol n.º 3 - 97,00



Faculdades "PADRE ANCHIETA" de Jundiá
rua marçílio dias, 299
fone, 434-1763

VESTIBULAR 77

INSCRIÇÕES: ABERTAS
ECONOMIA - ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS - CIÊNCIAS CONTÁBEIS - LETRAS: português / inglês (licenciatura plena)
CIÊNCIAS - DIREITO - PEDAGOGIA administração escolar 1.º 2.º graus e magistério
EXAMES: 24 A 27 DE JANEIRO / 77

"Vejo que o sol está se levantando. Fará um bonito dia". (Jimmy Carter, no dia de sua eleição para a presidência dos Estados Unidos)

"Não é todo dia que se pode bancar o Charles Bronson e sair incólume para outra". (Armando Blanco, Última Hora do Rio, 6/9)

"Muita gente comenta que ela é mau caráter, mas eu não concordo com isso. Eu conheço essa menina desde os tempos da Rádio Gaúcha, quando ela tinha oito aninhos. E ela sempre foi vibrada na minha voz. Sempre me tratou bem e me respeitou como cantora e como gente. E eu a respeito muito também. O que os outros dizem não me interessa". (Ângela Maria, falando de Elis Regina)

"Aos nossos adversários, que pensavam nos atingir dizendo que Pedro Fávoro era velho, nós apenas pedimos a Deus que cada um deles saiba envelhecer dignamente". (Pedro Fávoro)

"Meu pai me queria com um diploma, mas eu procurei a bola. E hoje, que estou no Corinthians, tenho a certeza de que escolhi certo". (Luciano, novo jogador do Corinthians)

"Aprendi muito com Frank Sinatra, Dean Martin, Peter Lawford. Dizem que a gente tinha uma gang. Não era bem isso, mas era divertido. Aprendi outras coisas com eles, também. A beber gin com grapefruit, às oito da manhã, por exemplo, só para manter o sangue correndo nas veias. Quando ia filmar com eles era terrível, tínhamos de interromper a filmagem logo que o álcool começava a passar da conta e a pálpebra do meu olho esquerdo a baixar, apesar de todos os meus esforços". (Sammy Davis Júnior)

"No mundo atual, a apatia não tem lugar. A livre manifestação do pensamento é de suma importância como elemento capaz de somar experiência, ambição e consenso analítico. Emitir opinião não é fácil quando se pensa em consequências". (Ivone Borges Botelho, o Estado de Minas)

"A mulher é por natureza arredia e desconfiada. Eles foram por tanto tempo impedidas de ingressar na Academia, que não acredito agora numa corrida para a imortalidade". (Ligia Fagundes Telles, escritora)

"Eu acho bom fazer casas para vender ou alugar, mas bem barato, porque a minha é uma porcaria e a gente para 850 cruzeiros por mês". (Roberto Carlos Osório, 13 anos, vigilante de carro)

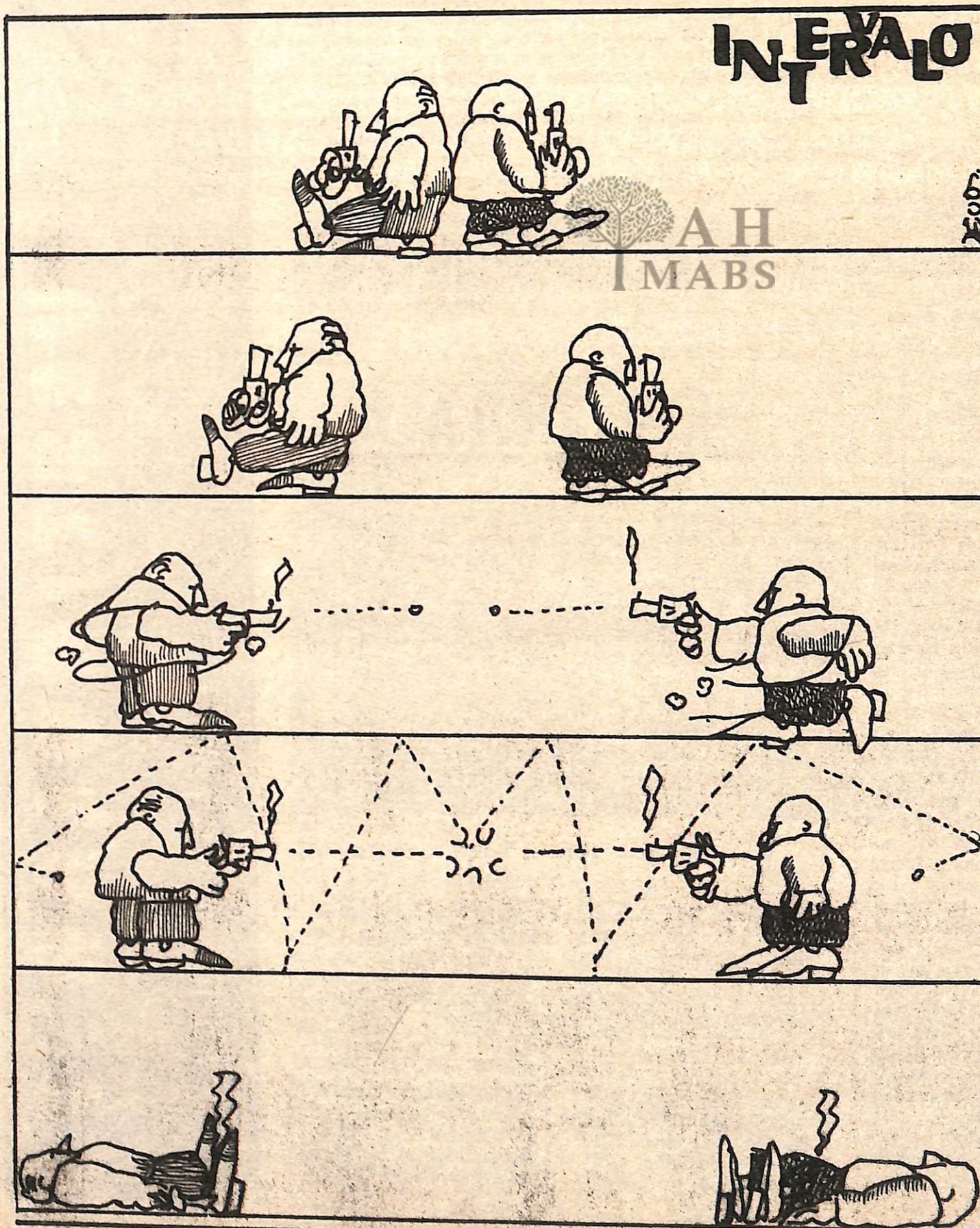
"A história tem mostrado que aquele que trai a confiança do povo acaba sendo repudiado pelo mesmo povo". (Francisco Amaral, do MDB, sobre a posição assumida pelo prefeito de Campinas. Lauro Péricles, deixando o partido)

"Semos eu e mais dez. Tô pronto, é só seu Brandão me chamar". (Coalhada, novo personagem de Chico Anísio, "convocando-se para a seleção" brasileira; TV Guia de 13 a 19/11)

"Coibam-se os abusos. É dever de todos poupar energia." (Aldo Cipolatto, Jornal de Jundiá de 17/11)

"Entre o presidente Geisel e Erazê Martinho fico com o presidente Geisel". (Tobias Muzaiel, locutor-proprietário da Rádio Difusora de Jundiá, no dia 17 de novembro, analisando o bipartidarismo pelas ondas de sua rádio)

"Geisel sorri". (Manchete do "Jornal da Tarde", de dia 17/11/76)



PUES

Escrutínio foi nomeado governador de Esparta em 1984 A.C.

Emboscada é uma especiaria originária do Sudeste asiático.

Emplastro é o acasalamento entre sábia.

Cataplasma é uma antiga arma usada em guerras sangrentas.

Tonsura é uma espécie de vertigem que ataca os padres.

Canhestro é rifle de longo alcance, fabricado na Rússia.

Colisão era o local onde os gladiadores se batiam.

Lombroso é um verme de má aparência.

Tramóia é a cidade grega onde Helena foi enganada.

Balisa é um doce que se come nos dias de grandes festas cívicas.

Petisco é uma chuva-de-pedras bem fraquinha.

Lancetar é o mesmo que usar armadura.

Gamão era apaixonado por jogos de salão.

Trote é uma corrida com charretes de mentirinha.

Querela é uma briga entre aves, na hora de comer.

Histrião morreu de tanto rir.

Sabin sofria de gota.

Istmo é um acidente ortográfico. Zarteu

JUNDIAÍ GANHA UMA REVISTA DE ECONOMIA

Cresce a nossa imprensa: está saindo "Mercado em Revista", a primeira revista especializada e de circulação dirigida feita em Jundiaí com informações econômicas da região. É editada pela Art-shop Arte e Comunicação, a primeira agência de publicidade realmente profissional criada nesta cidade. "Mercado em Revista" é dirigida por David Ferretti, que é também diretor da agência, e o redator chefe é Paulo Brito. A matéria da capa do primeiro número, por sinal muito bem diagramado, redigido e impresso, é sobre a granja Betinha, que começou a exportar para o Oriente Médio recentemente. Outras reportagens de interesse: uma entrevista com o presidente da Associação Comercial, a construção da Via Norte, a ofensiva da construtora Mário Miguel, o casamento Jumbo/Eletro radiobraz. E tudo com um texto claro, objetivo, sem aqueles picaretagens que costuma povoar certas publicações do gênero. "Mercado em Revista" não é vendida em bancas. É mensal de circulação dirigida e distribuição gratuita. Tomara que vá em frente. (S.V.)



NÓS E A OVELHA

A convite do excelente cartunista Geandré, o "Jornal de 2a." estará presente na revista de humor "Ovelha Negra", através dos cartuns do Décio Denardi e dos "Pufs!" do Zarteu.

Estamos (pigarro) realmente orgulhosos disso.

ANTENAS E TORRES

Instalamos antenas e Amplimatic para:

- TV branco e preto.
- TV em cores.

Vendemos e colocamos, torres. Trocamos arames cabos e fios.

Av. Alvares de Azevedo, 403 - Fone: 436-2832.

Irineu Romanatto F. - técnico.

MORTANDADE

"Levou uma surra no comício de Vila Hortolândia", "Xingou o Presidente Geisel na palestra do Anchieta", "Candidato dos maconheiros" e outras bossas foram ouvidas durante a campanha do candidato (não-eleito) Erázé Martinho. Morri de pena dele. (E.M.)

ESTRANHO JURAMENTO



Um missionário que morou muitos anos entre os zulus, traduziu o juramento tradicional do noivo daquela tribo diante do altar, no dia de seu casamento. Vejam que primor:

"Que o sangue escape de todas as veias de meu corpo, que um raio me parta em dois que os crocodilos me devorem, que eu seja condenado a transportar água numa peneira através das chamas do inferno, que eu nasça novamente surdo, cego, mendigo e coberto de chagas, se um dia enganar minha esposa".

O J2a. E A CAMPANHA

Alguns cabos eleitorais do prefeito eleito Pedro Fávaro não se cansaram de elogiar a influência do **Jornal de 2a.-Feira** na campanha eleitoral, tanto em visitas feitas antes da votação como no dia em que foi confirmada a vitória do candidato da Arena.

Já o próprio prefeito eleito achou essa participação "negativa". Para ele, "o jornal foi muito radical". (AF)

FIZERAM O OPOSTO

Talvez o certo fosse eu me dirigir à Justiça Eleitoral, mas achei melhor vir a público para os meus desabaços.

Achei incrível o desconhecimento das normas de apuração, por parte de um número enorme de escrutinadores que compunham as mesas apuradoras das eleições.

Achei um absurdo a diferença de critérios no julgamento do que valia ou não, na hora de decidir sobre um voto.

Achei uma grossura nazifacista a maneira como alguns escrutinadores dificultavam o trabalho dos fiscais e delegados de partido, chegando a destratar alguns deles.

Isso tudo somado me dá o direito de, pelo menos, ter minhas dúvidas quanto à justiça das decisões e das intenções de alguns escrutinadores, felizmente a minoria. Patrícia Mattar Oliva.

VOX DEI

Vox populi: dizem por aí que há uma estranha maldição perseguindo os transfugas, ou seja, os políticos que mudaram do MDB para a Arena, depois que se elegeram pela legenda da oposição. Exemplos: Antônio Carlos Pereira Netto, o **Doca**, Otávio Betelli, Arnaldo Carraro, Urubatan Salles Palhares. Em compensação, o contrário parece que compensa. Exemplo Tarcísio, que trocou a Arena pelo MDB. Rolando Giarola também não foi muito feliz na experiência que tentou fazer por osmose. Eleito pelo MDB, em vias de expulsão, resolveu lançar o irmão pela legenda da Arena. Perdeu.

INSANIDADE

A Central eletrônica do "Jornal de 2a.", anotou: o locutor candidato Claudinê Barranqueiros (não-eleito) usou 27.432 vezes a expressão "trabalho insano", na transmissão das apurações. Somente no dia 16.

Em nossa próxima edição daremos o total geral. (E.M.)

QUESTÃO DE OFF-SET

Foi frustrada a grande expectativa em torno da manchete que o "Jornal da Cidade" usaria para anunciar o vencedor destas eleições.

A manchete das eleições passadas ("Ganhamos") não se repetiu fato que decepcionou um bom número de leitores do carinhosamente chamado "O Imparcial". (E.M.)

A BEM DA VERDADE

O Giarola, candidato arenista (não-eleito), chama-se Ariovaldo e não Rolando, conforme afirmaram os boateiros.

O emedebista Rolando continua firme na Câmara de Vereadores defendendo sua posição com absoluta coerência. (E.M.)

INOVAÇÃO NO ATLETISMO



Aconteceu numa prova pedestre realizada em Santos: os corredores saíram antes do tiro da largada, que seria dado pelo prefeito local. Imediatamente, os organizadores sugeriram que ele desse o "tiro de chegada", logo que o primeiro colocado cruzasse a linha final. E ele deu.

Consta que o vencedor da prova cruzou a linha, distraído ouviu o tiro, deu meia volta e começou tudo de novo.

A GAFE DO EDIL



Aconteceu na Colenda Edilícia de Joaçaba, Santa Catarina: um nobre edil submeteu à apreciação de seus pares um "voto de louvor" pelo falecimento de uma moradora da cidade, "padrão de virtude e apanágio da família brasileira".

Não tem qualquer fundamento os boatos de que na próxima semana ele pedirá um "voto de pesar" pelas bodas de ouro de algum ilustre casal.

CLARO ENIGMA

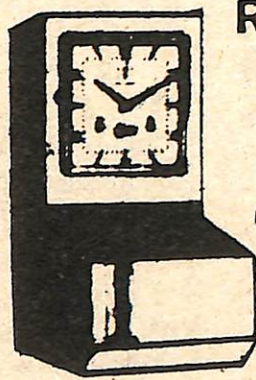
Além de fotos em duas poses e outros materiais, o vereador Henrique Franco distribuiu, durante a campanha eleitoral, um papel onde se lia: "Caro amigo. Ao pedir e agradecer seu apoio, peço também desculpas pelo inconveniente causado".

Estaria o nobre edil se referindo ao voto de Minerva no empréstimo que gerou a dívida de 400 milhas? (E.M.)

AH! AH! AH!

O **Jornal da Cidade** de 18/11 deu que o dr. Arnaldo Reis teve da população de Jundiaí uma votação "verdadeiramente consagrada", e que isso foi uma resposta "à oposição, doentia, adiosa (sic) e sistemática que o grupo de 2a. vem sustentando, há cerca de dois anos, contra a atual administração municipal". Isso saiu na página 4.

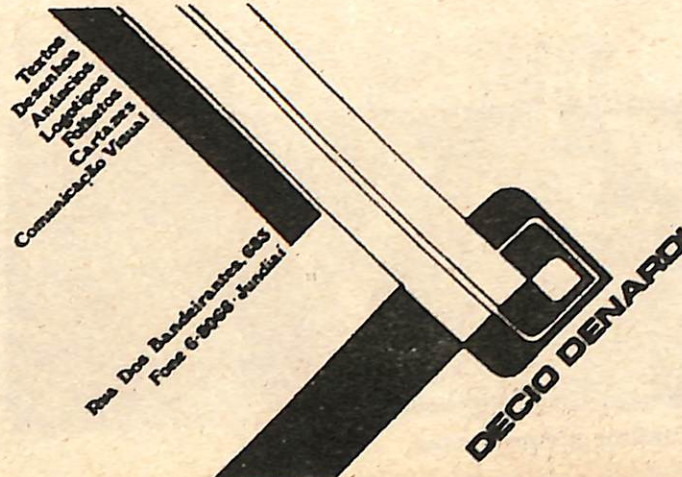
Na primeira página, uma chamada: "Folclore Político, na página 4". (AF)



RELOGIOS DE PONTO ROD-BEL

REVENDEDOR AUTORIZADO
**COMERCIAL PANIZZA
LTDA**

BARAO-427 FONE-6-8231





ASSIM FALOU (E ASSINOU) PEDRO FÁVARO.

Desde o início da apuração, era patente a superioridade da votação de Pedro Fávaro. Somente em raras exceções, o candidato do Prefeito conseguiu equilibrar os números. O resultado final, conhecido na tarde de quarta-feira, deu a vitória ao ex-prefeito com larga vantagem.

Na quarta-feira, terminada a apuração, foi organizada uma grande passeata pela cidade para comemorar. O comitê de Fávaro, durante boa parte da noite, esteve repleto de amigos, cabos eleitorais e até alguns adesistas. Devido à convulsão do dia, o futuro prefeito adiou a entrevista, concedida a Carlos Kazuo Inoue, para o dia seguinte. Na quinta-feira, por escrito, ele respondeu a todas as questões:

Jornal de 2a. — Como o senhor recebeu sua eleição, depois de um período de campanha até certo ponto convulsionado?

Pedro Fávaro — A nossa campanha decorreu dentro de um clima de absoluto respeito, não se registrando nenhum incidente. Foi serena e tranquila, como serena e tranquilamente recebemos a nossa eleição, com toda humildade, reconhecendo que ela é decorrência, não de

nossos méritos, mas da generosidade de nosso povo.

J.2a. — Conforme algumas declarações, o senhor teria começado sua campanha após a eleição do atual prefeito. Este trabalho a longo prazo seria a fórmula da conquista de votos ou interferem outras variantes? Quais?

P.F. — O segredo é a alma do negócio; embora saibamos que política não é negócio, nela também se aplica o mesmo princípio.

J.2a. — Em termos político-partidários, como o senhor vê a vitória arenista em nossa cidade?

P.F. — Com alegria, porque atin-

gimos o nosso objetivo: participamos do pleito como candidato da Arena para que se abram para Jundiá, não só as portas da Prefeitura, mas também as do Governo do Estado e da União. Entendemos que só assim melhoraremos as perspectivas de um bom governo.

J.2a. — O senhor sugeriria alguma modificação nos quadros do diretório da Arena para adaptá-lo às novas condições políticas que agora começam a se apresentar?

P.F. — Modificações nos quadros dirigentes dos Partidos se fazem através de convenções nas épocas

estabelecidas em lei e não por meras sugestões.

J.2a. — Qual será a sua plataforma de governo? As principais preocupações? Quais os principais problemas da cidade?

P.F. — Já entregamos ao nosso povo um programa de trabalho, onde expusemos a nossa filosofia de governo, envolvendo nossas preocupações e os problemas que vamos enfrentar. Essa filosofia é sintetizada através de uma frase que expressa o nosso objetivo primeiro: "Queremos fazer de Jundiá, não uma cidade grande mas uma grande cidade".

J.2a. — Com relação a Andrade-Gutierrez haverá alguma modificação por parte da Prefeitura (se se considerar que o contrato é lesivo aos interesses da municipalidade)?

P.F. — Não fazemos pré-julgamento, especialmente em matéria que está sendo apreciada no campo da Justiça.

J.2a. — Sobre as dívidas da cidade, qual será a atitude de sua administração?

P.F. — Se as dívidas foram assumidas em nome do município, só resta uma atitude: em nome do Município honrar os compromissos assumidos.

eduardo guano

O PREFEITO

Pedro Fávaro é casado com Wilma Fávaro e tem três filhos: Júnior, Francisco e Gisele Elaine. Ele nasceu em Pinhal, morando em Jundiá há 51 anos. Já foi contador, despachante, perito da Justiça do Trabalho e professor do Ginásio Rosa e do Instituto de Educação.

Iniciou na política estudantil, na então existente Federação dos Estudantes de Jundiá. É cidadão jundiá-

ense", tendo militado na Câmara de 48 a 55. Na gestão do prefeito Omayr Zomignani, respondeu pela diretoria da Fazenda.

Eleito prefeito em 64, Fávaro pretendia a reeleição em 72, mas durante a convenção fizeram aquilo que os políticos chamam de "puxar o tapete". Ele recebeu a Medalha José Bonifácio e a comenda mexicana "Dignidade e Caracter".

O VICE ARY FOSSEN



Ary: muitos cumprimentos.

Entre o ruído das buzinas e o estouro dos rojões, o vice-prefeito eleito Ary Fossen era cumprimentado defronte a casa de Fávaro, na rua Rangel Pestana, pouco antes da partida da caravana que percorreu a cidade na quarta-feira à noite. Apesar da confusão, pôde declarar:

— Ficamos satisfeitos com a eleição porque foi o esforço de uma vida dedicada a Jundiá. E com esse resultado, vimos recompensado todo nosso trabalho.

Ary Fossen é jundiáense, casado e tem três filhos. É bacharel em Ciências Econômicas pela PUCC, foi professor das Escolas Anchieta e diretor da Fazenda no governo de Walmor Barbosa Martins. Exerce a função de delegado regional do Sesi desde 67, é rotariano, estagiário da ADESG e ex-presidente do Secretariado Diocesano do Movimento de Cursilhos.